



Trilogia
Irmãos Anelís

Anjo da Esperança
Lady Graciosa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ANJO DA ESPERANÇA

Copyright © 2007 Flávia Cunha Santos.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão total ou parcial, sob qualquer forma. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Capa: Renee Jansoa - Fotolia.com

Revisão: Fabíola Valladão Attademo

Contato:

<http://ladygraciosa.com/>

Trilogia Irmãos Angelis
Livro II

Anjo da Esperança

Lady Graciosa

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me fazer acreditar;

À minha família por me apoiar em todas as minhas aventuras;

Às comunidades do Orkut que abriram as portas para que eu contasse as minhas histórias, em especial a Adoro Romances, onde estreei e a Oficina Romântica, minha casa atual;

À todas as leitoras que pacientemente (ou não) acompanham e incentivam para que eu escreva cada vez mais;

À Caroline, que divide comigo o blog Mulheres Românticas;
À Carla, Marcy e Fabi pelo apoio e pelos papos das madrugadas;
Ao Bruno, que me presenteou com esse pseudônimo;
Aos meus sobrinhos, Perola e Pablo, amores da dindinha;
E a você, que está comprando este livro, prestigiando o trabalho de uma autora brasileira.

Muito Obrigada.

PRÓLOGO

Havia fumaça e o calor fazia seu corpo arder como num estado de febre. O odor fétido invadia suas narinas e fazia seus olhos lacrimejarem. Sentia em sua boca o gosto amargo de sangue. Não podia se mexer. Sua cabeça estava presa a algo e seu corpo comprimido de uma forma que era difícil respirar.

Não sentia dor. Deus! Queria sentir dor para ter certeza de que estava viva e que aquilo tudo era um pesadelo. Onde estava a dor? Piscou, numa tentativa inútil de ver além da escuridão que a envolvia como um véu escuro e pesado.

O barulho ensurdecedor feriu seus ouvidos. Pessoas gritando e caminhando a sua volta. Alguém se aproximou. Luzes piscavam de forma contínua e entre os flashes conseguiu enxergá-lo. Os olhos azuis encontraram os seus e ela teve certeza. Deus enviara um anjo para lhe salvar.

*Uma roda de céu ondulando se alarga,
Digamos que é o mar: como o rápido canto
Ou apenas o eco, desenha no vazio irrespirável
O movimento de asas.
(José Saramago – Eu luminoso não sou.)*

Capítulo I

- Vai doer?

Mariana Barreto olhou para seu irmão, sentado rigidamente na cadeira de rodas a seu lado. Os cabelos loiros, cortados curtos, não escondiam os olhos sérios demais para uma criança de oito anos de idade.

- Não, Marcos.- Mariana respondeu. – Hoje só vamos conversar com o médico.

- Ele vai me operar?

- Espero que sim. – Disse e forçou-se a sorrir para encorajá-lo.

Mariana e Marcos esperavam pelo médico dentro do agradável consultório. A simpática recepcionista avisara que o doutor estava visitando um paciente, mas que não demoraria. Mariana agradeceu. Preferia esperar na sala do que na recepção e ser alvo dos olhares especulativos das outras pessoas.

Respondia às perguntas do irmão com aparente tranqüilidade. Por dentro sentia o peso da responsabilidade. Não podia demonstrar o medo que sentia. Se esse especialista não fosse o melhor, como a haviam informado, o sonho de ver seu irmão voltar a andar

morreria. Sofria por ter provocado a invalidez do irmão. Se ao menos ele não estivesse no carro...

O acidente acontecera há seis meses e Mariana convivia com a perda desde então. Perdera o homem que seria seu marido e a certeza de que teria uma família segura e feliz. Mesmo sem querer, as imagens daquela noite horrível voltaram a sua mente.

Os preparativos para seu casamento estavam encaminhados e aquela noite sairia para comemorar. Gilberto, seu noivo, ficou contrariado ao saber que ela pretendia levar seu irmão com eles. Preferia que ficassem sozinhos para que pudessem aproveitar melhor a noite. Mariana fora irredutível. Marcos era sua única família. Sua mãe morreu ao dar a luz ao desejado filho varão. Seu pai, um famoso empresário do ramo dos cosméticos, morrera havia dois anos, deixando para Mariana a responsabilidade de criar o irmão. Por sorte, a empresa da família lhe dava condições para que vivessem confortavelmente.

Conhecera Gilberto Lopes pouco tempo depois da morte de seu pai. O investidor fora o ombro amigo naquele momento difícil de sua vida. Não foi surpresa quando ele a pediu em namoro e depois de algum tempo sugeriu o noivado. Não estava preparada para as mudanças de comportamento que ocorreram com seu noivo.

Naquela maldita noite ele estava mais nervoso e alterado do que ela jamais havia visto. Reclamou da sua roupa, dizendo que seu vestido era curto demais, fino demais, vermelho demais... Mariana trocara de roupa e então, o vestido preto era sem graça demais. A discussão sobre a presença de seu irmão fora à gota d'água.

O resto da noite era um borrão em sua mente. Mal lembrava onde haviam ido ou o que comeram. Lembrava que Gilberto bebera além da conta e que seu humor parecia mais sombrio a cada momento. Lembrava do carro em alta velocidade, do arrependimento que sentira ao ver o pavor nos olhos de seu irmão.

Depois disso, somente o barulho horrível de metal se chocando, a dor lancinante que sentira e a escuridão que a envolvera. Despertara machucada, num quarto de hospital onde recebera a notícia de que

Gilberto havia morrido e de que seu irmão estava preso a uma cadeira de rodas.

Se ela não tivesse insistido em levá-lo, talvez... Não. Não pensaria mais no que poderia ter sido. Daria tudo certo para seu irmão de agora em diante. O médico que estavam aguardando era muito bem recomendado. Se Deus quisesse logo, logo ele estaria andando novamente.

Quanto a ela, teria que aprender a conviver com a perda de seus sonhos e com um futuro incerto. Acima de tudo, viveria com o remorso a consumi-la e com... Instintivamente suas mãos tocaram seu rosto, para logo a seguir, arrumar os longos cabelos loiros sobre ele.

- Não dá pra ver, Mari. - Marcos disse ao observar o gesto da irmã.

Antes que pudesse responder, a porta atrás deles se abriu e uma voz grave e rouca se fez ouvir.

- Espero que me desculpem. – Aproximou-se e estendeu a mão para Mariana. – Micael Angelis.

- Mariana Barreto. – Mari respondeu.

Encarou o homem a sua frente e um arrepio inexplicável percorreu seu corpo. Deparou com os olhos azuis mais bonitos que já havia visto em sua vida. E não eram somente os olhos... Aquele homem era lindo! O rosto másculo, a boca aberta em um sorriso maravilhoso e o queixo proeminente, era emoldurado por cabelos negros ondulados.

- Algo errado com meu rosto? – Micael perguntou e duas deliciosas covinhas surgiram em sua face.

Ao ouvir a pergunta zombeteira, Mari percebeu que o encarava de forma abobalhada. Rapidamente soltou a mão que ele ainda segurava e afastou-se.

- Este é meu irmão, Marcos. - Apresentou.

- Olá, garotão!- Micael abaixou-se para ficar no mesmo nível do garoto e estendeu a mão antes encará-lo nos olhos. – É um prazer conhecer meu mais novo paciente.

- Deve haver algum engano...

Mica ouviu as palavras ditas por Mariana em tom baixo e levantou-se imediatamente. Aproximou-se da moça.

- Engano? – perguntou com um franzir de sobrancelhas.

- É... Quer dizer... Não tenho nada contra você... – Mariana tropeçou nas palavras. – A doutora Cláudia indicou um cirurgião mais... Experiente.

A doutora Claudia era uma excelente pediatra e tinha um consultório no mesmo prédio onde funcionava o centro médico. Micael continuou encarando-a, o vinco em sua testa aprofundando-se.

- Não me leve a mal. - apressou-se em se desculpar. – Mas eu preciso do melhor para o meu irmão.

Mariana preparou-se para uma reação ruim ou ofendida do homem a sua frente, mas nada a preparara para a risada profundamente espontânea de Micael. Observou abismada ele sentar e indicar a cadeira para que ela voltasse a sentar.

Pareceu ouvi-lo murmurar algo como “meus irmãos adorariam ver isso”, mas não entendeu muito bem.

- Então, Mariana... – Mica falou, controlando o divertimento. – O que a doutora Claudia lhe disse?

Ainda sem entender o comportamento do homem que a encarava parecendo divertir-se com ela, explicou rapidamente a conversa que tivera com a médica.

- A doutora me explicou que meu irmão precisa se submeter a uma... Delicada cirurgia. – Disse, após uma olhadela para o irmão. - Como ele ainda é uma criança, a chance de que dê certo seria maior... Dependeria somente das condições físicas dele e de o profissional ser... O melhor.

Micael observou a mulher a sua frente. Estava sentada de perfil. Os longos cabelos loiros escondiam quase totalmente seu rosto, de forma que ele somente podia vislumbrar a estonteante beleza ali escondida. A boca pequena tinha lábios cheios e naturalmente

rosados. O nariz também era pequeno, e os olhos eram da cor do mais puro mel.

- Verdade. – Micael por fim concordou e desviou a atenção para o garoto que ouvia a conversa sem perder nenhum detalhe. – Então Marcos, quer me contar o que aconteceu com você?

- Foi um acidente de carro. – Marcos disse relutante, olhando a irmã em busca de aprovação.

O gesto não passou despercebido a Micael que também percebeu a contrariedade da moça com suas perguntas.

- Mas você não tem idade para dirigir... – Mica brincou.

- Ah, não! – Marcos sorriu. – Era o noivo da minha irmã que estava dirigindo.

- Ah! – Micael observou o desconforto da mulher a sua frente. – E foi um acidente igual aos dos filmes de ação?

- Não acho que... – Mariana tentou interromper.

- Ahã! – Marcos concordou, sem demonstrar desconforto. – O carro foi de encontro a um caminhão.

- Também estava no carro? – Micael perguntou, dirigindo-se a Mariana.

- Estava sim. – Marcos respondeu pela irmã. – Ela também se machucou...

- Marcos! – Mariana o interrompeu antes que ele concluísse. – Meus ferimentos não importam. Meu irmão ficou com as pernas presas.

O tom ríspido de Mariana era uma indicação de sua insatisfação de estar assistindo àquela conversa. Ela era protetora. Micael esperou para ver a atitude que a jovem tomaria para impedi-lo de questionar o irmão. E ela não o decepcionou.

- Acho que devemos ir embora. – Levantou-se disposta a retirar o irmão da presença do "doutorzinho".

- Sente-se. – A ordem, em tom firme, não parecia vir do homem gentil e tranqüilo a sua frente. Mariana tornou a sentar sem ao menos perceber que o acatava.

Micael apertou um botão no aparelho telefônico a sua frente e contactou a recepcionista.

- Andréa, por favor, contate a doutora Cláudia e peça que venha até o meu consultório. – O pedido foi feito em tom gentil. – Depois, venha até aqui, por favor.

Desligando o aparelho, encarou Marcos e perguntou.

- Gosta de milk shake?

- Adoro! - O garoto respondeu sorridente.

- Que bom! – Mica sorriu. – Andréa vai levá-lo até a cantina, para tomar um.

- De chocolate? – Perguntou e seu sorriso ampliou-se quando Mica assentiu. Virou-se para irmã e perguntou. – Posso, Mari?

Mariana ainda pensou em negar, mas desistiu quando Micael a encarou desafiador.

- Sim. – Disse finalmente.

Neste momento Andréa entrou no consultório, avisando que a doutora Cláudia estava a caminho. Com tato, Micael expôs o que queria.

- Andréa, este jovem aqui... – apontou para Marcos. - ... Adora milk shake.

- De chocolate! – Marcos complementou.

- Exato! – Mica sorriu. – Poderia acompanhá-lo até a cantina, por favor?

- Claro, doutor! – Andréa sorriu para Marcos antes de empurrar sua cadeira em direção à porta. Antes de sair, voltou-se para Mica. – Devo trazer balas de leite?

- Faça isso e eu te amarei para sempre! – Mica gracejou.

O semblante de Mariana fechou. O homem nem ao menos se comportava como um médico! Se ele achava que a enrolaria com um sorriso e uma frase melosa como “eu te amarei para sempre”, estava muito enganado. Não deixaria o futuro de seu irmão nas

mãos de um... de um... buscou em sua mente um adjetivo que fizesse frente ao que estava sentindo.

O sorriso permaneceu nos lábios de Micael até a porta fechar-se atrás de Andréa. Com o semblante sério, voltou sua atenção para a senhorita Mariana Barreto. O corpo rígido e o semblante sério lhe informavam que aquela seria uma árdua batalha.

- Tudo bem. – disse, o que a fez observá-lo por entre os cabelos que lhe caíam no rosto. – Agora que seu irmão não pode nos ouvir, você pode dizer o que tem contra mim?

A pergunta, feita naquele tom condescendente que os adultos utilizam para falar com as crianças, fez o rosto de Mariana tornar-se rubro. Encarou o homem a sua frente e torceu as mãos em seu colo ao se dar conta do modo que o tratara desde que ele a cumprimentara. Fora no mínimo... indelicada.

Não sabia o que estava acontecendo com ela. Sempre fora uma pessoa tranqüila, cordata e nunca tratara mal alguém que acabara de conhecer. Não sabia de onde vinha esta tensão entre eles. Aquele homem não tinha culpa se a sua vida estava... confusa.

- Me desculpe. – Mariana pediu. – Eu não tenho nada contra... você.

- Bem, você conseguiu me enganar! – Mica não controlou a resposta debochada.

- Você não entende... – Marina começou e sua voz estava embargada. – Meu irmão precisa voltar a andar.

Mica levantou-se e deu a volta na mesa, parando a sua frente.

- Por ele...ou por você?

Mariana balançou a cabeça, os cabelos encobrendo ainda mais seu rosto. Aquele homem era um estranho. Ele não sabia nada da sua vida, não podia adivinhar tudo o que ela passara nos últimos meses... Não podia julgá-la.

- Não importa. – Mariana respondeu, a voz surpreendentemente firme. – Ele vai voltar a andar.

- Numa operação, não existem garantias de que os resultados sejam exatamente o que esperamos.

- Eu sei. – Mariana respondeu e ergueu os olhos para fitá-lo. – É por isso que eu quero o melhor cirurgião.

Mica não sabia se a sacudia pela petulância que demonstrava ou se lhe dava os parabéns por sua coragem e determinação. Suspirou exasperado.

- E este cirurgião não sou eu, por quê...?

- Você é... - mordeu a língua para não dizer bonito demais. - ... jovem demais para ser...o melhor cirurgião do Brasil.

- Bem, não há nada que eu possa fazer quanto a minha idade. – Micael disse por fim. – Mas posso dar referências quanto as minhas qualidades...

O tom empregado por ele na última frase provocou um arrepio em Mariana. Ele estava somente provocando-a e se divertindo as suas custas, pensou.

- O que quer dizer...- Levantou-se

- O que quero dizer... – Micael cruzou os braços e sorriu vitorioso. – É que *eu sou* o melhor.

Mariana parou e atônita, o encarou. Deus todo poderoso! Aquilo não podia estar acontecendo. Ela não podia ter ofendido e criticado o cirurgião que poderia fazer seu irmão voltar a andar. Não havia desculpas para os seus maus modos. Aquilo tinha que ser um pesadelo.

- Ah, não! – gemeu.

- Vejo que chegamos a um impasse. – Micael falou pensativo. – Resta saber se vai confiar em minha capacidade para cuidar de seu irmão... apesar de eu ser jovem demais!

A doutora Claudia escolheu aquele momento para entrar no ambiente repleto de tensão. Mariana não sabia se cavava um buraco no chão do consultório para se esconder ou se fugia porta afora, para nunca mais voltar. Não fez nem uma coisa nem outra. Ficou ali, encarando aqueles olhos azuis, enquanto a médica comentava, animada.

- Marina, que bom que aceitou meu conselho! Eu disse a essa menina que você seria o único capaz de ajudá-la. E então? Já se acertaram?

*Espírito que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a Lua,
Filho esquivo da noite que flutua,
Tu só entendes bem o meu tormento...*
(Antero Quental – Noturno)

Capítulo II

- Segura!

Mica escutou a ordem em forma de grito que partiu de Carolina, sua cunhada, pouco antes de uma pequena mancha preta passar correndo por ele. Logo a seguir uma grande mancha marrom também passou correndo, antes que Carolina aparecesse. Corada e com os cabelos despenteados, parou a sua frente e segurou suas mãos.

- Mica! – Um sorriso esperançoso iluminou seu rosto. – Que bom que você está aqui!

- Ah, não! – Micael desvencilhou-se, com um sorriso. – Não conte comigo!

Nem que Carolina implorasse levaria aquele cachorro mal-educado para sua casa. De jeito nenhum! Afinal, não era culpa sua se seu irmão fora louco o suficiente para imaginar que poderia criar um cão e um gato convivendo pacificamente no mesmo ambiente.

- Por, favor?

- Sinto muito, maninha... – Mica brindou-a com um sorriso encantador. – Sabe que eu faria *quase* tudo por você...

- Tratante! – resmungou. – Gabe está na sala...tentando por ordem nas coisas.

- Os danadinhos fizeram bagunça? – Mica perguntou curioso.

- Na verdade... – Carolina conseguiu ficar ainda mais vermelha. – Eu derrubei algumas coisas pelo caminho...

A gargalhada de Mica difundiu-se pelo ambiente. Encontrou o irmão, na cozinha, despejando alguns cacos de vidro dentro de um saco de lixo.

- A "Rainha do desastre" ataca novamente? – perguntou, apontando para o saco de lixo.

Quando Gabriel conheceu Carolina, na firma que comprara para estabelecer-se no Rio de Janeiro, sua esposa era conhecida como "Rainha do desastre".

- Não brinca! – Gabe protestou. – Desde que eu tive a infeliz idéia de juntar meu cachorro e aquele gato preto horroroso nesta casa...

- Sua mulher tentou me seduzir lá fora... – Mica disse com um sorriso.

- E conseguiu? – Gabe perguntou, com um arquear de sobrancelhas.

Micael sentou-se num dos bancos largos que ladeavam a mesa da cozinha e pegou uma maçã do cesto de frutas a sua frente.

- Não. – respondeu antes de morder a fruta. - O cachorro e a mulher...são seus!

- Droga! – Gabe fingiu estar irritado. – Vou ter que partir para o plano B...

- Vocês têm um plano B? – Micael fingiu estar chocado.

- Ainda podemos dar o cachorro para o Nate.

Micael pensou em seu outro irmão. Natanael era uma pessoa séria demais para a sua idade. Apesar de serem trigêmeos, quem os conhecia percebia o quanto eram diferentes. Imaginaram Nate aceitando o cachorro de Gabriel... Encarou o irmão e falaram ao mesmo tempo.

- Não! – riram divertidos.

Gabe observou o irmão devorar a maçã e retirou algumas pizzas do freezer e pôs no forno. Abriu duas garrafas de cerveja e entregou uma ao irmão, antes de sentar-se de frente para ele.

- Quem é ela?

- O quê? – Micael perguntou surpreso.

- Ah, vamos... – Gabe não escondeu o divertimento. – Estamos no meio da tarde e você ainda não almoçou...

- Não tive tempo. – Mica disse rapidamente.

–E... – Gabe continuou. - Desde que você tornou-se sócio do centro médico e montou seu consultório, parece uma criança que ganhou um brinquedo novo.

- Eu quero que dê certo. – Mica defendeu-se.

- O que me leva a perguntar novamente. – Gabe retirou a pizza do forno e pôs na mesa juntamente com um prato e talheres. – Quem fez você sair do seu “castelo” e vir até aqui?

- Por que você acha que tem uma mulher no meio? – Mica perguntou, prolongando o assunto.

Gabe parou e fingiu pensar sobre o assunto, para logo em seguida responder sem alterar a fisionomia.

- Porque eu conheço você. – Tomou um gole de cerveja, antes de intimá-lo, sorrindo. – Fala.

- Raquel esteve na clínica hoje. – Mica disse por fim.

O sorriso de Gabe desapareceu. Imediatamente Gabe tornou-se alerta. Ainda lembrava-se dos problemas pelos quais Micael passara por causa daquela mulher quando estava nos Estados Unidos.

- O que ela queria?

- Dinheiro, claro! – A voz de Micael demonstrava a fúria contida. – Não achei que ela se atreveria a me procurar de novo.

- O que trouxe ela até você?

- A reportagem sobre o “melhor” cirurgião brasileiro... – riu sem graça. – A irmã de meu novo paciente deveria ler essa reportagem.

- Por quê?

- Ela não acreditou que eu sou um ótimo cirurgião... E disse isso na minha cara. – Micael deu um sorriso de lado. – Isso me deixou incomodado.

- Só porque ela não se jogou aos seus pés e beijou o chão que você pisa? – Gabe perguntou, um pouco mais tranqüilo. – Relaxa, Mica!

- Você não viu a pequena fera!

- Vai operar o irmão dela? – Gabe sorriu. – Então, ela vai saber que você é o melhor.

Micael sorriu do comentário do irmão. Lembrou-se da mulher impertinente desafiando-o em sua sala. Era uma mulher interessante. Gostaria de ter visto seu rosto...

- E quanto a Raquel?

- Dei o dinheiro a ela.

- Droga, Micael! – Gabe esbravejou.

- É o preço que tenho que pagar por ter sido estúpido. – Mica deu de ombros.

- Não, é a forma que você encontrou para se punir... – Gabe disse revoltado.

Micael não o desmentiu. Provavelmente o irmão tinha razão. Mas não queria mais pensar nisso. Fora por isso que viera até ali. Para que as lembranças não o incomodassem.

- Você podia levar Lobo com você... – Gabe disse mudando de assunto.

- Não vem não, Gabe. – Mica balançou a cabeça. - Nada que disser me fará levar esse monstrinho pra minha casa.

- Bem, eu vou precisar levá-lo para algum lugar... – Disse como quem não quer nada. – Com um bebê a caminho, Carolina não vai poder ficar correndo atrás deles...

- Carolina está grávida? – Mica exclamou radiante. – Parabéns, papai!

- E não vai dar os parabéns pra mim? – Carolina perguntou, entrando na cozinha e beijando o marido carinhosamente.

- Parabéns, maninha. - Mica a abraçou e sussurrou alto o bastante para que Gabe escutasse. – Espero que não puxe a este sujeito feio.

- Micael... Você não tem jeito!

Deixaram-se ficar ali, reunidos, comemorando a boa notícia. Quando a noite caiu, Micael voltou para sua casa. Estava feliz com a notícia de que havia um bebê a caminho e que seria titio. Sabia que seu irmão lhe contara com segundas intenções. Não se importava. No final, acabou trazendo o cachorro com ele.

Mariana estava sentada na confortável poltrona na varanda do seu quarto apreciando a noite. Aquela era a hora do dia que mais gostava desde o seu acidente. Quando podia sentir a brisa em seu rosto e relaxar. Ninguém por perto, apenas a lua e as estrelas a lhe fazerem companhia.

Aquela noite, mais do que nunca, precisava estar ali. Observou o vasto terreno ao redor da casa. A mansão era o orgulho de seu pai. Fora o primeiro passo para garantir o status que sempre almejou. O segundo havia sido comprar uma esposa capaz de procriar... Para infelicidade dele, ela nascera.

Depois de várias tentativas e mais de uma gravidez interrompida, Marcos finalmente viera ao mundo. O filho tão desejado levou sua mãe para o túmulo e por ironia do destino, seu pai não quis saber da criança.

Uma sucessão de babás e Mariana, com quinze anos na época, cuidaram do bebê. Agora era responsável legal por Marcos e o que fizera? Seu irmão estava preso a uma cadeira de rodas. Agora, o futuro de seu irmão dependia de Micael Angelis. O melhor. Suspirou profundamente ao lembrar seu comportamento. Ele rira. Como podia ter rido enquanto ela lhe dizia tantas bobagens?

Lembrou-se dos olhos azuis, encarando-a, medindo-a, testando-a. Parecia ter o poder de enxergar além. Será que imaginara ou seu corpo reagira aquele olhar? Ansiando por... o quê? Nunca mais se envolveria com alguém. Não podia. E mesmo que pudesse... Aquele homem era um estranho. Um estranho bonito, mas mesmo assim um estranho.

Observou a carta em suas mãos. Era dos advogados que cuidavam de seus bens, convidando-a a comparecer ao escritório no dia seguinte. Um calafrio percorreu seu corpo, levando-a de volta para o quarto. Depois do acidente, passou um bom tempo no hospital e desde que voltara para casa, ainda não havia se inteirado dos negócios.

Pensou na mensagem dos advogados. Provavelmente gostariam que ela tomasse as decisões de agora em diante. Já havia feito isso, logo após a morte de seu pai. Havia se afastado nos últimos tempos, tão envolvida estava com os preparativos para o casamento. Era Gilberto que resolvia os problemas para ela...

Decidida a não pensar em seu noivo, preparou-se para dormir. Escovou os longos cabelos e trançou-os. Estavam maiores do que normalmente os usava, mas era assim que ficariam de agora em diante. Como uma cortina entre ela e o mundo. Impenetrável. Imediatamente a lembrança de olhos azuis penetrantes a invadiram. Adormeceu com a imagem do doutor Micael Angelis em sua mente.

- Acha que vai dar certo? – Carolina perguntou, aconchegada nos braços de seu esposo.

- Espero que sim. – Gabe respondeu, acariciando-lhe os cabelos. – Micael evita ter alguém dependente dele.

- Ele tem...

- Motivos. – Gabe completou. – Eu sei.
- Eu ia falar mulheres... – Carolina brincou.
- Ah, essas mulheres. – Gabe debochou. – Elas não contam.
- O cachorro...
- É um passo. – Gabe disse com um sorriso. – Ele aceitou a cuidar dele... Vamos ver o que vai acontecer.
- Provavelmente ele vai enlouquecer! – Carolina disse sorrindo. – Provavelmente vai querer nos matar!
- Provavelmente. – Gabe falou tranquilo.

Gabe girou o corpo de forma a olhá-la nos olhos. Incrível como a amava mais e mais a cada dia. Pensar em como seria sua vida se não estivessem juntos era impossível. Foi com emoção sincera que falou.

- É errado desejar que meu irmão seja tão feliz quanto eu?
- Não. – Carolina suspirou. – É realmente feliz ao meu lado?
- Mais do que sonhei.

Um beijo apaixonado coroou o momento de intimidade. Carolina suspirou emocionada.

- Eu amo você.
- E eu a você. – Acariciou-lhe o ventre plano. – E o nosso filho.
- Ou filha.
- Não me importo. – Gabe sorriu. – Se for parecida com você...
- Espero que não seja! – Carolina sorriu. – Sou uma desastrada.
- Não me importaria em cuidar de uma "princesinha do desastre".
- Acho mesmo que não. – Carolina o beijou. – Mas agora... Você poderia cuidar de mim...

Gabe sorriu antes de beijar a curva suave de seu pescoço. Presenteou-a com a confirmação de seu amor. Suas mãos moveram-se entre as curvas de seu corpo acendendo a chama da paixão. Dali em diante tudo mais foi esquecido, diante do desejo de seus corpos. Entregaram-se as sensações até sentirem-se estremecer de prazer.

Dormiam abraçados, ignorando o mundo que existia além do quarto, quando o telefone tocou de madrugada. Sonolento, Gabe atendeu.

- Alô?

- Gabe? – A voz de Micael soou exausta e furiosa. – Quanto você quer para receber o cachorro de volta?

*Meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela - eu moço; tens amor, eu - medo...
(Casimiro De Abreu – Amor e medo)*

Capítulo III

Micael acordou de mau humor. Pouco dormira durante a noite graças aos latidos e lamurias de Lobo. Nunca imaginara que um bicho como aquele poderia fazer tanto barulho. Ouvir a gargalhada do irmão ao telefone não havia ajudado. Chegou ao hospital e seu humor distinto do habitual surpreendeu as pessoas.

Entrou em seu consultório e pediu a Andréa uns minutos sozinho. Precisava relaxar e esquecer a noite infernal que tivera. Recostou-se em sua cadeira e fechou os olhos. Sentia-se incomodado. Nos poucos minutos que conseguira dormir tivera sonhos perturbadores... com uma ninfa de longos cabelos loiros. Provavelmente era uma reação de seu cérebro ao dia tumultuado que tivera. E era apenas coincidência que a ninfa de seu sonho fosse

parecida com a mulher que esteve em seu consultório no dia anterior. Mariana. Um nome grande e forte demais para ela. O irmão a chamava de Mari.

Ele preferia o apelido, apesar de ter uma forte intuição de que a opinião dela seria diferente. Provavelmente a trataria pelo apelido de forma a vê-la enfurecida novamente. Pensar nisso fez brotar um sorriso em seus lábios. A fúria demonstrada por ela era muito melhor do que o pavor que brilhara em seus olhos ao imaginar que se negaria a cuidar de seu irmão.

- Posso entrar? – Andréa perguntou da porta.

Micael assentiu com um sorriso, e observou ela depositar uma caixa em sua mesa.

- O que é isso?

- Entregaram hoje cedo pra você. – Andréa informou. – Tem um cartão. - O tom empregado indicava que ela já sabia quem enviara o presente. – Temos dois pacientes para esta manhã. Portanto você tem um tempo livre.

- Obrigada, Andréa. – Micael agradeceu, mas a assistente não se moveu. – Algo mais?

- Não vai abrir? – perguntou, olhando a caixa curiosa.

Mica sorriu diante da evidente curiosidade.

- Claro! - Mica respondeu, para logo em seguida completar. – Assim que você sair...

- Desmancha prazeres! - Andréa suspirou inconformada.

Micael esperou até que ela saísse para ler a mensagem escrita em uma caligrafia bonita e limpa.

“Um pedido de desculpas não pode apagar minha atitude preconceituosa, mesmo assim, aceite-o”. Mariana Barreto.

Micael abriu a caixa e descobriu que continham balas de leite caseiras. Adorava balas de leite. Um sorriso brotou em seus lábios. Talvez, aquelas não passassem de um suborno, ou talvez, fosse um aviso de que aquela mulher merecia sua atenção. Com esse pensamento em mente, passou o dia aguardando o horário em que

Mariana traria o irmão ao seu consultório e procurou não se mostrar decepcionado quando Marcos apareceu acompanhado por uma distinta senhora que se apresentou como Carmem, governanta de Mariana.

Carmem explicou que Mariana tivera que comparecer a uma reunião de negócios, mas que tentaria vir para a consulta. Micael conversou tranquilamente com Marcos, explicando que ele faria alguns exames preliminares, esclarecendo que eram simples e indolores. Estava sozinho em sua sala quando seu irmão entrou intempestivamente.

- Diga que você não fez isso. – Natanael pediu, encarando o irmão.

- Tá bom. – Mica brincou. – Eu não fiz isso.

- Não estou com humor para suas gracinhas. – Nate disse com a cara amarrada. – Gabe me disse que você deu dinheiro à “ela” outra vez!

- Ah!- Mica exclamou, recostando-se em sua cadeira e ignorando a expressão do irmão. – A inexistente privacidade entre trigêmeos.

- Micael... – O tom de Nate o fez reagir.

- Nate. – Levantou-se e encarou o irmão. - Apesar do que você e Gabe pensam, eu sei me cuidar sozinho.

- Claro que sabe! – Nate confirmou, com escárnio. – É por isso que deixa aquela mulher interferir na sua vida até hoje!

- É só dinheiro, Nate.

- Não, não é! – Nate suspirou. – Se fosse, você não...

Interrompeu-se ao ouvir uma exclamação surpresa, seguida de um pedido de desculpas as suas costas.

- Oh, perdoem-me. – Mariana exclamou parando a porta. – Estava aberta...

- Tudo bem, Mariana. – Mica falou com um sorriso. – Nate já estava de saída.

Nate encarou o irmão, prestes a discordar e dizer que ainda não haviam terminado. Desistiu. Nada do que dissesse faria aquele cabeça dura agir com a razão. Assentiu e estava de saída quando a

mulher parada a porta desabou, levando-o instintivamente a ampará-la em seus braços.

- Mas... o quê?

Imediatamente Micael chegou junto a ele e pegando a mulher em seus braços, depositou-a delicadamente no sofá. Friccionou as mãos pequenas entre as suas, chamando seu nome. Levou a mão a seu rosto para afastar os cabelos que o impediam de observar seu rosto, quando ela abriu os olhos e sentou-se num pulo.

- Não me toque. – Pediu afastando-se. – O que aconteceu?

- Você teve um pequeno desmaio. – Mica informou. - Se sente bem?

- Sim, apenas um pouco tonta... - Mariana informou, balançando a cabeça. – Pensei ter visto... Dois de você.

- Você viu. – Disse Micael, com um sorriso capaz de derreter as geleiras do pólo norte. – Mariana, deixe-me apresentá-la meu irmão...gêmeo, Natanael Angelis. Nate, esta é Mariana Barreto.

- Prazer em conhecê-la, senhorita. – Nate cumprimentou, despedindo-se logo em seguida. – Eu já estava mesmo de saída.

Mal a porta fechou-se após a saída de seu irmão, Mica a ouviu suspirar.

- Irmão gêmeo. – Mariana exclamou. – Oh, Deus, sinto-me uma tola!

Micael, sentado a seu lado sofá, não conseguiu conter o sorriso.

- Na verdade, trigêmeos. – Explicou. – Mas não pode ter desmaiado só por isso...

- Não...

- É alguma seqüela do acidente? Quem é seu médico? - Micael perguntou levantando-se para alcançar o telefone.

- Não precisa. – Mariana afirmou, retendo-o ao sofá. – Eu estou bem.

- Você desmaiou. – Mica observou.

- Eu... não me alimentei direito hoje...deve ter sido isso. – Mariana afirmou. – Já passou.

- Certo. – Mica concordou, não convencido de que ela estava bem. – Então, vamos.

- Vamos? – Mariana indagou, confusa. – Onde?

- Comer alguma coisa. – Mica levantou-a e a conduziu até a porta. – Também não me alimentei direito hoje.

- Espere...

- O que foi? – Encarou-a fingindo preocupação. – Não vai querer que eu desmaie também, vai?

- Não, mas...

- Não se preocupe com seu irmão. – Micael antecipou a questão. - Não vamos demorar.

Sem lhe dar tempo para mais argumentos, Micael a levou até a lanchonete do centro médico. No momento em que chegaram à lanchonete, Mariana estacou.

- O que houve? – Mica perguntou intrigado.

- Está cheia. – Mariana disse. – Prefiro comer depois.

Micael observou boquiaberto ela dar-lhe as costas e tomar o caminho de volta para o consultório. Olhou para cima, antes de exclamar.

- Senhor, isto é algum tipo de teste?

- Falando sozinho, doutor Micael? – Uma enfermeira brincou ao passar por ele.

- Você me pegou. – Mica sorriu. – Pode guardar segredo?

A enfermeira fez que sim com a cabeça, antes de despedir-se sorrindo. Micael entrou na lanchonete e comprou alguns sanduíches antes de voltar para o consultório. Mariana estava sentada, ereta, em uma cadeira em frente a sua mesa. Sentou-se de frente para ela e em silêncio abriu o pacote de sanduíches. Desembrulhando um, ofereceu-lhe. Mariana de cabeça baixa, aceitou o sanduíche. Antes porém que o mordesse, ouviu-o indagar.

- O que foi aquilo lá em baixo?

- Não gosto de lugares cheios. – Mariana respondeu, voltando a dar atenção a seu sanduíche.

- Não havia mais que oito pessoas...

- Não gosto de lugares cheios. – Mariana repetiu.

Como ele não retrucou, Mariana levantou os olhos e por entre os fios loiros, o flagrou observando-a.

- E não gosto que as pessoas me olhem. - Completou.

- Bem, então temos um problema. – Micael recostou-se sem deixar de encará-la e sorriu. – Por que eu gosto de olhá-la.

Um arrepio percorreu o corpo de Mariana ao ouvir a afirmação. Ele não sabia o que estava dizendo. Provavelmente estava brincando com ela. Ele não podia olhá-la de verdade. Não podia. Por que se pudesse...

- Isso é fácil de resolver. – Mariana afirmou, antes de levantar-se. – Vou embora.

- Espere. – Micael aproximou-se e a segurou pelo braço, na tentativa de fazê-la ficar. – Isto não é necessário.

Mariana não respondeu. Não podia ficar. Não podia deixar que ele a olhasse e visse... Tinha que se afastar. Os sentimentos confusos que a invadiam quando ele se aproximava... Não podia ser. Sabia disso. Um homem lindo como ele jamais...

- Mari! – Marcos exclamou no momento em que Carmem empurrou a sua cadeira de rodas para dentro do consultório, acompanhada da prestativa Andréa.

A voz alegre do irmão interrompeu o fluxo de seus pensamentos e a fez respirar aliviada. Sentiu as mãos de Micael deixarem seu braço e avançou aproximando-se do irmão.

- Os resultados dos exames sairão em dois dias, doutor. – Andréa informou a Micael. – Devo agendar uma nova consulta?

- Sim, Andréa. – Micael assentiu. – Veja o dia e horário disponível e informe a senhorita Barreto.

- Claro, doutor. – Andréa assentiu. – Deseja mais alguma coisa?

- Por enquanto não. – Mica esboçou um sorriso. – Obrigado, Andréa.
- Como foi tudo, campeão? – Mariana tentou soar alegre ao questionar o irmão.

- Eu fiz um montão de exames. – Marcos informou. – A enfermeira falou que eu sou muito corajoso e que logo, logo vou ficar bom.

- Tenho certeza que sim. – Marina disse com voz embargada. – Podemos ir?

Micael controlou a vontade de dizer que não. Não havia sido daquela vez, mas não desistiria. Haveria outra oportunidade de descobrir os segredos que Mariana ocultava. Por que havia algo, ele sabia.

- Sim, vocês podem ir. – Mica disse por fim. – Não esqueça de agendar com Andréa a próxima consulta.

Depois que eles se foram, Micael ficou-se pensativo sobre os motivos que levariam Mariana a ser tão...esquiva. As roupas e os cabelos eram usados quase como um disfarce. Uma tentativa de esconder... o quê? Não sabia. Seus olhos voltaram-se para uma pasta preta esquecida em uma cadeira próxima a porta. Provavelmente Nate a deixara ali quando socorreu Mariana. Pegou a pasta e a levou para sua mesa, enquanto ligava para o irmão.

- Nate? – Indagou e ao ouvir a voz do irmão, informou. - Encontrei uma pasta, que provavelmente você esqueceu aqui no escritório.

– Uma pasta minha? – Questionou. – Você viu do que se trata?

– Não. Espere, vou dar uma olhada. – Mica respondeu.

Abriu a pasta e o que viu o deixou preocupado.

- Nate, a pasta não é sua. - Disse rapidamente. – É de Mariana.

– O que houve? – Nate perguntou ao notar a preocupação na voz do irmão.

- Parece que ela está com problemas. E dos grandes! – Mica informou. – Está muito ocupado?

– Micael, você não vai me envolver...

- Só quero que dê uma olhada nesses papéis, Nate. - Sua voz soou tranquila. – Pode fazer isso?

– Tudo bem, pode trazer. – Nate concordou, a contragosto.

Nate não precisou de muito tempo para entender o conteúdo dos papéis que lhe mostrou, mas já havia anoitecido quando Mica saiu de lá. O que ele lhe disse o deixou chocado. O noivo de Mariana havia dado um enorme desfalque na empresa de cosméticos, que ela recebeu de herança quando o pai morreu. A empresa estava com dívidas enormes e teria que ser vendida para que pudessem pagar os credores.

Será que Mariana já havia estudado aqueles papéis? Conhecia a extensão dos problemas ali contidos? Estaria preparada para lidar com eles e a operação do irmão ao mesmo tempo? E que espécie de homem era este noivo dela? Seria por isso que ela o evitara?

Suspirou diante de tantas perguntas sem respostas. Só havia um jeito de descobrir. Uma ligação para o centro médico e obteve o seu endereço. Iria vê-la, decidiu. Iria enfrentar a pequena fera em seu território. Esperava conseguir algumas respostas e se possível sair de lá... vivo!

*"Para meu coração teu peito basta,
para que sejas livre, minhas asas.
De minha boca chegará até o céu
o que era adormecido na tua alma.
(Pablo Neruda - Para meu coração)*

Capítulo IV

Mariana aproveitou o cair da noite para sair de casa e dar uma volta no jardim. Marcos estava jogando videogame no quarto e Carmem já fora para sua casa. Ali, sozinha, seria possível pensar com tranquilidade e tentar descobrir uma maneira de por em ordem seus pensamentos e suas finanças.

Ainda não conseguia acreditar nas palavras dos advogados. Gilberto havia dado um desfalque na empresa. Um grande desfalque.

Enquanto ela inocentemente preparava o casamento, enquanto acreditava que enfim teria uma família de verdade, o seu noivo se apossava da sua herança. Lembrou-se do olhar de piedade do advogado quando lhe deu a notícia.

- Sinto muito, Mariana. – O advogado servira a seu pai por anos. – Você precisará de muito dinheiro para por as coisas em ordem.

- Existe alguma maneira... – Mariana tentou conter o pânico que ameaçava tragá-la.

- Você teria que se desfazer das propriedades, inclusive da mansão. – Ele começou a listar. – Também as jóias e os carros...

- Meu dinheiro? – Perguntou num fio de voz.

Evitou encará-la e baixou a cabeça antes de dizer.

- Tirando os rendimentos do fundo que seu irmão herdará aos dezoito anos... - O advogado explicou, antes de repetir. - Eu realmente sinto muito.

Mariana sentiu-se zozna e agarrou com força os braços da cadeira em que estava sentada. Aquilo era um pesadelo. Só podia ser... não conseguia acreditar que havia ficado noiva de um homem tão... Não conseguia encontrar uma palavra horrível o bastante para descrevê-lo. Havia confiado nele. Deus! Pretendia casar com ele. Mas agora sabia. Vivera uma ilusão. Gilberto não pretendia casar com ela. Só se aproximara com a intenção de tirar dela tudo o que pudesse. Ela fora a vítima perfeita. Frágil e solitária. Tão pateticamente carente de carinho, de afeição. Estivera tão sedenta de amor e agora...

Não tinha nada. Levaria tempo até que a empresa voltasse a dar lucro. O desfalque foi grande... E agora, Gilberto estava morto. Onde Gilberto gastou tanto dinheiro? Não sabia. E não podia preocupar-se com isso agora. Havia tanto a fazer... Teria que contar a Marcos.

Seu irmão já sofrera tanto por sua culpa... e agora, também por sua culpa, teria que deixar a casa que sempre fora o seu lar. Deixou que as lágrimas corressem livremente por seu rosto. Fora ingênua, fraca. Confiara cegamente numa ilusão. Agora teria que conviver com seus erros e tentar fazer com que seu futuro desse certo.

Agradeceu a Deus e a seu pai, por não ter permitido acesso à fortuna de Marcos. Foi com os rendimentos desse dinheiro que o advogado havia pagado as despesas hospitalares e as mensalidades do plano de saúde. Não fosse por isso, seria impossível que Marcos fosse operado. Havia escolhido o melhor cirurgião, e o melhor custa caro. Micael Angelis.

Ah, droga! Por que só de pensar nele sentia aquela ânsia absurda? “Eu gosto de olhá-la”... ele havia dito. Mas será que realmente a enxergava de verdade? Apesar de os olhos dele terem o poder de desconcertá-la, sabia que não. Ele parecia querer desvendar todos os seus segredos e Mariana indagou-se em como se mostrariam aqueles olhos. Surpresos, transtornados, horrorizados?

- Mariana? - A voz de Micael soou bem perto.

Sem mover um só músculo do seu corpo tenso, Mariana conseguiu dizer.

- Como entrou aqui?

- Esta casa não é segura. - Mica disse sem se aproximar.

Temia que ela fugisse. E não podia abdicar da bela imagem diante de si. Mariana estava recostada em uma árvore, usando um vestido leve e os cabelos loiros, soltos e jogados para trás. A luz da lua iluminava a lateral de seu rosto dando-lhe um brilho especial. Absurdamente linda, pensou.

- É uma casa grande demais... - Mariana disse, antes de questionar.

- Alguma coisa errada com os exames?

- Os exames? - Micael perguntou.

Não prestava atenção. Estava hipnotizado pelo suave movimento de seus lábios. Um enorme desejo de tomá-los com os seus o invadia. O movimento das mãos femininas que se fecharam junto ao corpo lhe chamou a atenção.

- Meu irmão...

- Nada errado. - Mica tratou de esclarecer. - Quer dizer, ainda não vi os resultados.

O suspiro profundo o fez voltar sua atenção para os seios movendo-se com sua respiração. Meneou a cabeça a fim de clarear os pensamentos.

- Você esqueceu algo em meu consultório.

A pasta, Mariana pensou. Não lembrava onde a deixara, agora sabia. O conteúdo eram os documentos que atestavam sua ruína. Será que ele sabia o que...Claro. Micael provavelmente abrira a pasta, já que sabia que lhe pertencia. Provavelmente já sabia do conteúdo também. Não conseguiu conter a raiva por ele saber o quanto fora idiota.

- O sanduíche estava ótimo. – Disse com ironia. – Mas não acredito que veio até aqui trazê-los.

Ah! A pequena fera mostrava suas garras. Micael quase sorriu. Só não o fez, porque imaginou que ela provavelmente lhe daria as costas. Fingindo não ter entendido o tom irônico em suas palavras, respondeu com suavidade.

- Se achou aquele ótimo... precisa provar os que eu preparo.

Mariana não respondeu. Em silêncio respirou fundo para controlar seu coração que parecia bater descontroladamente. Antes que fizesse algo tolo como aceitar a atenção de Micael. Mas não podia.

- Obrigada por vir até aqui trazer a pasta. – Mariana disse em tom fingidamente frio. – Não precisava...

- Hum. – Micael sorriu. – Está me dispensando?

- Estou agradecendo sua gentileza. - Mariana pronunciou as palavras devagar. – E como você veio trazer a pasta...

- Posso ir embora, certo? – Mica deu um passo à frente e Mariana ficou alerta. – Acho que não.

- Eu...

- Eu a deixo nervosa? – Micael perguntou.

- Não. – Mariana negou, mas desencostou-se da árvore.

Micael tentou ver sua expressão, mas uma nuvem encobria o brilho da lua. No escuro, somente percebia seu vulto e ouvia sua voz.

- Tem medo de mim?
- Não, eu...
- Então venha até aqui. – Mica recostou-se displicente.
- Não é preciso. – Mariana apressou-se em dizer. – Pode deixar...
- Não. – Micael interrompeu-a. – Pegue.

Mariana fechou os olhos. Podia fazer isso. Podia ir até ele e pegar a pasta. Seriam somente alguns passos. Estava escuro. Podia fazer isso. Hesitante, deu um passo em sua direção. Ao notar seu desconforto, Mica arrependeu-se.

- Pare.

Mariana deu uma risada nervosa e deu um passo para trás.

- Eu vou até você.

Mal pronunciou as palavras e estava a sua frente, sem dar tempo para que Mariana fugisse. Ela recuou mais um passo.

- Aqui está a pasta. – Suspendeu-a quando Mariana fez um gesto para pegá-la. – Eu li.

- Tudo bem. – Mariana respondeu. – Daqui a alguns dias todos estarão sabendo.

- O que vai fazer?

- Darei um jeito. – Disse com firmeza.

- Mariana...

- Se está preocupado com a operação... - Mariana o interrompeu. -... Não se preocupe. Posso arcar com...

- Não continue. – Mica aproximou-se e segurou-a pelos ombros.

Não precisava ver seu rosto para perceber sua reação. Estava furiosa... e com medo. Sua vontade era sacudi-la. Respirou fundo antes de acrescentar.

- Não vou aceitar que me ofenda uma segunda vez.

- Solte-me.

- Não. – Mica negou.

O ar em torno deles tornou-se quente. A proximidade de seus corpos despertando sensações.

- Eu vim até aqui por que fiquei preocupado. – disse em voz baixa. – Não com a operação. – Acrescentou rapidamente. – Mas com você.

- Não tem por que se preocupar comigo. – Mariana ofegou.

- Eu sei. – Mica anuiu.

- Então...

- Não posso evitar me preocupar... – Disse tão próximo que Mariana sentiu sua respiração. – Da mesma maneira que não posso evitar...isto.

Estática, Mariana o viu aproximar-se e tocar seus lábios. Micael tocou-a de leve, experimentando, saboreando e incitando-a a corresponder. Era só um beijo, Mariana pensou. Sabia que não poderia ter mais que isso, mas permitiu-se sonhar. Na escuridão da noite, eram somente duas pessoas entregando-se a uma emoção.

Sem planos, sem esperanças... sem faces. Entreabriu os lábios dando passagem a língua morna. Perdeu-se nas sensações que Micael lhe provocava, as línguas brincando, conhecendo, duelando. Seu corpo reagiu às provocações, palpitando de desejo. Micael a trouxe para o círculo de seus braços, aproximando-se até que nada estivesse entre eles. Aprofundou o beijo e Mariana correspondeu, com a mesma ânsia, com a mesma paixão. Suas mãos estavam apoiadas em seu ombro, procurando apoio para seu corpo trêmulo.

Quando o ar lhes faltou, separaram-se espantados com a força da paixão que haviam compartilhado. Micael respirou profundamente. Estava perdido. Nunca um único o beijo o deixara assim. Surpreso com a força da atração que os unira, brincou para disfarçar.

- Não se preocupe... Eu não vou virar um sapo.

De cabeça baixa, ainda atordoada com a maneira como havia se entregado àquele beijo, Mariana demorou um pouco para entender as palavras de Micael. Ele sorria. A luz da lua ressurgia voltando a iluminar o local em que estavam. Estava acabado. Não havia mais

como se esconder. Olhando fixamente para os olhos azuis, Mariana forçou-se a dizer.

- Talvez eu vire...

E foi então que Micael viu. O motivo pelo qual ela se escondia. A razão de uma lanchonete praticamente vazia apavorá-la. Uma horrível cicatriz atravessava o lado esquerdo de seu rosto, descendo até o pescoço. Deus! A face perfeita em contraste com o lado que foi machucado era impressionante. Um rosto lindo daqueles. A surpresa estampada em seu rosto fez Mariana fechar os olhos.

- Já que não posso ser uma princesa.

Mariana abaixou-se frente a um Micael petrificado e pegando a pasta que estava caída ao chão, deu-lhe as costas e tentou disfarçar as lágrimas que corriam livres por seu rosto. Falou, procurando dar a voz uma firmeza que não sentia.

- Obrigada mais uma vez por trazer... a pasta. – Sufocou o soluço preste a romper em sua garganta. – É melhor ir embora agora.

- Mariana, espere... – Micael tentou em vão retê-la.

- Não posso.

- Mariana, me perdoe. – Mica tentou aproximar-se.

- Não se aproxime. – Mariana pediu num sussurro. – Por favor, vá embora.

- Eu preciso...

- Não precisa dizer nada. – Mariana disse sem se voltar. – Apesar de não mais me olhar no espelho, sei qual é minha aparência através dos olhos das pessoas. Os olhos não mentem.

- Eu não quis...

- Eu sei. – Mariana conseguiu dizer. – Mas não deixa de doer cada vez que isso acontece. Como está doendo agora...

Mariana perdeu a batalha para as lágrimas e correu para a mansão. Trancando a porta atrás de si, deu vazão a dor que a consumia entregando-se a um pranto sofrido. Culpava-se por ter reagido tão mal com Micael. Não era culpa dele o fato de um por um momento

ter acreditado num conto de fadas. Não era uma princesa. Nunca mais seria. Aceitar isso fora difícil, mas ela aceitara. Não podia sonhar com príncipes...nem desejá-los. Sua vida mudara naquele acidente. Fora um acidente horrível, seu noivo morrera, seu irmão estava parálítico e ela tinha suas cicatrizes. Estava viva, a médica dissera, tinha que agradecer.

Não importava que nunca mais pudesse andar livremente num parque ou ir à praia tomar sol. Não importava que as pessoas não suportassem olhá-la e que as emoções ficassem estampadas em suas faces. Surpresa, repulsa, piedade... Estava viva. Tinha que agradecer. Será que Deus a perdoaria agora? Porque não conseguia agradecer por estar viva naquele momento...

Escorregou de encontro à porta e deixou-se ficar ali, encolhida. Abraçando-se, tentou esquecer os olhos de Micael fixos em seu rosto. Tentou também esquecer os minutos passados de encontro ao corpo forte e do beijo que trocaram. Tentou esquecer os papéis que lhe faziam abrir mão da casa em que vivia. Tentou esquecer que não era uma mulher perfeita...

Adormeceu ali, as palavras da médica ainda ecoando em seu ouvido, lhe dizendo para agradecer por estar viva. Nos sonhos tumultuados que povoaram o seu sono, encolhida junto à porta tal qual um animal ferido, as vozes da médica uniam-se a uma voz grave que lhe dizia... *Perdoe-me.*

*Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve...
— mas só esse eu não farei.
(Cecília Meireles – Timidez)*

Capítulo V

Micael dirigiu automaticamente até a sua casa. As palavras de Mariana martelando em sua cabeça. Sentia-se um idiota, por ter reagido de forma tão insensível e o pior... por não ter compreendido o quanto aquilo a magoaria. Suspirou profundamente. Não fora sua intenção magoá-la. Mas não havia maneira de esconder que ficara surpreso. A imagem do rosto feminino a luz do luar, era diferente da imagem que projetara em sua mente. "Os olhos não mentem" ela havia dito. Imaginou quantas vezes ela teve que suportar o olhar das pessoas e socou o volante frustrado.

Não suportava lembrar o quanto ela parecera ferida... Não podia negar que ficara surpreso, mas fora só isso. Deus, mesmo sabendo que sofrera um acidente, não tinha noção do quão grave ele fora... Precisava desculpar-se. Encontrar uma maneira de aproximar-se novamente. Sabia que não seria fácil.

Provavelmente Mariana voltaria a fechar-se como uma concha e não deixaria brechas. Ela não o receberia em casa. Provavelmente nem atenderia ao telefone. Como faria... Um arremedo de sorriso surgiu em seus lábios. Faria com que Mariana viesse até ele... provavelmente furiosa!

Mariana encaminhava-se para o consultório do doutor Micael Angelis completamente furiosa. Ele teria que parar com aquilo agora mesmo! Ignorou o frio na barriga ao imaginar-se cara a cara com ele. O último encontro deles, três dias atrás, não terminara muito bem. Mariana havia acordado de madrugada, ainda aos pés da porta. Foi para o quarto e não conseguiu pregar os olhos.

Imagens do seu acidente e do período que ficou convalescendo dançavam em sua mente. Já estava amanhecendo quando finalmente conseguiu dormir de novo. Acordou mais tarde do que o normal, e enquanto tomava uma ducha rápida, preparava-se para convencer Marcos a comparecer a próxima consulta acompanhada por Carmem. Ao chegar à sala foi surpreendida ao encontrar três lindos arranjos de flores espalhados em pontos estratégicos.

Carmem saiu da cozinha empurrando a cadeira de rodas de Marcos que trazia um outro arranjo em suas mãos. O irmão sorriu ao vê-la.

- Mari!- Levantou o buquê para que ela observasse, como se fosse possível deixar de reparar nas belíssimas rosas cor-de-rosa perfeitamente arrumadas. - Não são lindas?

- Sim. – Mariana respondeu, relutante. – Quem enviou?

- Não sei, menina. – Carmem a olhou desconfiada, enquanto pegava o arranjo das mãos de Marcos e o arrumava em uma pequena mesa de vidro, próximo à porta. – Mas são para você.

- Não há nenhum cartão? – Mariana perguntou aproximando-se do arranjo onde rosas amarelas e girassóis esbanjavam vivacidade.

- Tem sim. – Marcos informou travesso e mostrou quatro pequenos envelopes. – Estão aqui.

Mariana abriu o primeiro envelope. O cartão branco continha apenas uma palavra estava escrita. Abriu os outros envelopes. Todos eles sem assinatura do remetente ou qualquer uma informação. Somente uma palavra. “Desculpe-me”.

No momento em que viu as flores, sabia que Micael as enviara. A sua atitude magoada na noite anterior provavelmente o deixara com algum sentimento de culpa. Não daria nenhum sentido especial aquele gesto. Também não pretendia procurá-lo para agradecer as flores ou mesmo... desculpá-lo. Se era isso que pretendia, esperaria eternamente.

Em breve ele esqueceria e passaria a agir como as outras pessoas, algo como um misto de constrangimento e piedade. E então, a noite anterior seria aos poucos esquecida. O beijo que trocaram seria para ele apenas uma lembrança. Para ela, seria um lembrete para que nunca mais tivesse esperanças de que sua vida poderia ser como antes.

A campainha tocou, despertando-a de seus pensamentos. Inconscientemente levou as mãos ao cabelo, certificando-se que cobriam totalmente sua face. Carmem foi atender a porta e voltou com um novo arranjo de flores nos braços.

- Quer ver o cartão? – Perguntou a Mariana, disfarçando o sorriso.
- Não é preciso. – Ignorou a pergunta estampada na face da amiga e dirigiu-se ao irmão, tentando parecer descontraída. – Quer tomar café comigo?

A aparente descontração de Mariana não durou muito tempo. Durante o restante da manhã e durante todo o dia, entregadores traziam arranjos de flores. A certa altura, cansada dos olhares que Carmem e Marcos trocavam, Mariana refugiou-se em seu quarto. Não iria ligar para ele.

No dia seguinte não estava tão firme de sua decisão. Sua casa mais parecia uma floricultura e para onde quer seus olhos se voltassem havia flores espalhadas. Quando Carmem, após atender a porta, voltou com mais um arranjo de flores, colocou-o em seus braços antes de dizer.

- Liga logo para ele.

Relutante, Mariana ligou para o consultório. Andréa informou-lhe que Micael estava com um paciente, mas que aguardasse um momento que informaria que ela estava ao telefone.

- Não precisa. – Murmurou covardemente. – Apenas diga... que agradeço as flores.

Desligou rapidamente, ignorando o desejo absurdo de ouvir a voz grave e rouca. *Idiota!*, recriminou-se. Um homem como Micael provavelmente vivia rodeado de mulheres lindas. Imaginar que uma criatura com a sua aparência poderia ser algo mais que a irmã de um paciente, seria loucura. Entrou na cozinha e depositou o arranjo de flores no balcão ao lado da pia.

- Pronto. – Disse para Carmem. – Provavelmente este foi o último.
- Sei... – Ela disse sem voltar-se. – Vai continuar se escondendo?
- Não estou me escondendo. – Afirmou, antes de acrescentar. – Apenas livrando as pessoas do incômodo de olhar para mim.
- Sinto saudades da Mariana de verdade. – Carmem falou com tristeza. - Ela não era assim... amarga.
- Aquela Mariana morreu no acidente.

Saiu da cozinha como se mil demônios a perseguissem. Carmem observou-a sair e murmurou, mais para si mesma.

- Espero que não.

Contrariando as expectativas de Mariana, as flores continuaram a chegar de forma ininterrupta. No terceiro dia resolveu tomar uma atitude. O entregador ignorou seu pedido para que devolvesse as flores, informando que perderia o seu emprego se não fizesse as entregas corretamente. Irritada, pegou um táxi e rumou para o centro médico.

Agora, enquanto Andréa a anunciava, perguntava-se se não estaria fazendo uma grande besteira. A moça a observava sem esconder a curiosidade e Mariana rapidamente escondeu-se ainda mais por trás dos seus longos cabelos. A raiva e a irritação arrefeceram e a coragem de enfrentar o lindo médico diminuiu. Antes que pudesse desistir e voltar para casa, a atendente a fez entrar na sala.

Micael estava confortavelmente instalado em sua cadeira e os olhos azuis que a encaravam pareciam ainda mais bonitos e foi difícil ter que encará-lo. Um sorriso caloroso estampava-se em sua face, mas Mariana recusou-se a baixar a guarda.

- Quero que você pare com isso. – Disse em voz firme, apesar de um tanto quanto baixa.

Micael levantou e deu a volta na mesa, apoiando o quadril de forma displicente.

- Parar com o “quê” exatamente? – Perguntou com falsa inocência.

Os olhos de Mariana brilharam e Micael esperou por um ataque, que não veio.

- Não sei que tipo de brincadeira está fazendo... – Disse depois de contar até dez e dar-lhe as costas, com o intuito de ir embora. -... mas não vai funcionar.

Rapidamente, Mica ultrapassou-a e recostou-se na porta de braços cruzados, bloqueando-lhe o caminho. Mariana prendeu a respiração.

- Já funcionou. – Falou com segurança. - Você está aqui.

Por um momento Mariana ficou sem fala.

- Eu estou aqui para dizer que aceito o seu pedido de desculpas. – Disse, não escondendo a irritação por ter sido manipulada. – Acabou. Pronto.

- Não acabou... Mari. – Micael disse tranqüilamente. – está apenas começando.

Um arrepio de medo, ou seria antecipação, percorreu o corpo de Mariana.

- Acabou. – Disse tentar demonstrar firmeza. – Não sei que tamanho é a sua culpa, mas está desculpado. Todas aquelas flores...

- Eu enviei um arranjo para pedir desculpas. – Mica disse, parecendo constrangido por um momento. – Mas depois... lembrei que você disse sobre as pessoas... Bem, achei que você merecia vários pedidos de desculpas...

Mariana piscou, depois fechou os olhos, considerando as palavras de Micael. Um homem como aquele não podia existir de verdade. Precisava fugir antes que considerasse acreditar. Não podia se deixar envolver...

- Eu... - Engoliu em seco e tentou de novo. - Preciso ir.

Micael encarou a mulher a sua frente. E por um momento temeu considerar do por que era tão importante para ele fazê-la ficar ali.

- Não. – Micael discordou e aproximou-se, até quase não haver espaço entre eles, antes de sussurrar em seu ouvido. - Não precisa.

Mariana sentiu-se as pernas bambas com a proximidade. Estava se deixando envolver pelo poder de sedução que aquele homem tinha. As mãos de Micael pousaram em seu ombro e delicadamente afastou os cabelos loiros, abrindo espaço para que seus lábios se encontrassem. Mariana fechou os olhos, ao ver-se refletida nos olhos azuis.

– Por que está fazendo isso comigo? – Perguntou, em agonia. – Não precisa ser cruel...

- Cruel? – Mica afastou-se confuso.

- Sim. – Mariana deu dois passos para trás e se manteve distante. – Não acha crueldade fingir que continua interessado...

- Fingir...

-... numa mulher defeituosa?

Quem ela pensava que era para julgá-lo daquela maneira? Entendia o quanto ela devia ter sofrido durante os últimos meses, mas de maneira alguma iria permitir que ela o depreciasse daquela maneira... ou a si própria. O sangue ferveu nas veias de Micael. Avançou em sua direção, levando-a a recuar, até que a mesa as suas costas a impedisse de fugir.

- Acha que estou fingindo? – Perguntou furioso. – Acredita ser possível fingir isto? - Pegou sua mão e a fez tocar a prova da sua excitação. – Ou isto?

Inclinando-se sobre ela, devorou sua boca com um beijo apaixonado. Mariana correspondeu de forma descontrolada. Desistiu de lutar contra a atração que os envolvia. Não podia negar que queria aquele beijo como nunca quis coisa alguma em sua vida.

Micael aprofundou mais e mais o beijo. Queria puni-la por suas palavras ofensivas, mas acima de tudo, queria que ela acreditasse no que estava sentindo. Esfregou-se nela, a fim de aliviar a pressão em suas calças. Quando a ouviu gemer, perdeu totalmente o controle sobre suas ações.

Sem deixar de beijá-la, segurou-a pelos quadris e fez sentar-se na beira da mesa. Seus lábios desgrudaram por um momento em busca de ar, para logo em seguida se encontrarem novamente para um novo duelo. As mãos de Mariana o enlaçaram seu pescoço, ao mesmo tempo em que as suas mãos insinuavam-se por baixo de sua camiseta buscando a maciez dos seus seios.

O gemido de Mariana ecoou na sala vazia, ao senti-lo tocando seus mamilos através de seu sutiã. A barreira proporcionada pelo tecido não a impedia de sentir o calor das mãos enormes que a tocavam. Desejou que não houvesse nenhuma barreira impedindo aquele toque, e no mesmo momento sentiu a peça sendo afastada, como se ele tivesse escutado seus pensamentos.

Sem ao menos se dar conta de como ou quando acontecera, viu-se deitada sobre a mesa, enquanto os lábios de Micael deixavam os seus para tomar o caminho indicado por suas mãos. Envolta numa nuvem de desejo, demorou a se dar conta de que ele ajeitava sua roupa e a levantava da mesa.

Somente depois de ver-se envolvida num abraço, enquanto Micael respirava fundo a fim de conter-se, Mariana percebeu o barulho do telefone ecoando na sala. Tentou se afastar, mas uma ordem entre dentes a fez reconsiderar.

- Não se mexa.

Micael a segurava com força e seu rosto expressava tamanho sofrimento, que Mariana ficou estática temendo aumentar seu desconforto. Não havia dúvidas de que Micael realmente a desejava. Uma alegria louca e descabida a invadiu e um sorriso insinuou-se em seus lábios.

- Está se divertindo? – Micael perguntou malicioso.

Mariana escondeu o sorriso, antes de negar com a cabeça. Micael estendeu a mão e alcançou o telefone a suas costas.

- Sim, Andréia. – Disse após ouvir a atendente. – Dê-me cinco minutos e vou atendê-lo.

Afastou-se de Mariana e pegou alguns dos objetos de sua mesa que estavam espalhados no chão. Quando terminou, ela já havia arrumado a roupa e arrumava os cabelos de forma a cobrirem seu rosto. O sorriso que surgira em seus lábios há poucos segundos havia desaparecido dando lugar a uma expressão preocupada.

- Estou indo embora. – Disse, segurando a bolsa de encontro ao corpo.

- Jante comigo esta noite. – Micael pediu.

Jantar? Fechou os olhos para não sucumbir ao poder dos olhos azuis. Impossível, pensou Mariana, (vírgula) ao imaginar-se em um restaurante na companhia de Micael. Expor-se daquela maneira, a mercê dos olhares de muitas pessoas...

- Não acredito que possa...

Micael não teve tempo de retrucar, pois ela já abria a porta para sair e Andréia já encaminhava o seu paciente. Ouviu Mariana murmurar uma despedida e rumar para a saída. Não gostou de vê-la ir embora daquele jeito e conteve o impulso de ir atrás dela.

Parecia que a cada vez que avançava um passo, recuava dois. Atendeu o paciente que aguardava e os que vieram depois, cumprindo com suas obrigações, mas, tão logo pode, encerrou o expediente. No momento em que ficou sozinho, seu pensamento voltou-se para Mariana.

Ainda podia sentir o calor de seu corpo e a lembrança da maneira apaixonada com que ela correspondera a seus carinhos... e depois aquela saída apressada. Bem, ela não o conhecia se pensava que iria deixá-la afastar-se.

Um sorriso surgiu em seus lábios ao lembrar a irritação dela com as flores. O efeito que o exagero de flores causara fora muito mais que o esperado. Relaxou de encontro à cadeira, antecipando o próximo encontro. Já havia traçado uma meta e agora... partiria para um ataque surpresa.

*Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,*

— *não sei, não sei.*
Não sei se fico ou passo.
(Cecília Meirelles).

Capítulo VI

Mariana chegou em casa com os nervos em frangalhos. Após o encontro com Micael, onde ao invés de por um ponto final na história, acabara se rendendo ao charme do doutorzinho, tivera uma difícil reunião com os advogados da empresa. Apesar deles estarem esperançosos quanto a salvá-la, depois que o capital dos bens fosse revertido, precisavam que ela definisse quem dirigiria a empresa. E ela pediu dois dias para pensar, sem poder lhes revelar a verdade. Não tinha idéia de quem poderia ajudá-la.

Os advogados chegaram a sugerir, inicialmente, que ela ficasse a frente da empresa. Apesar de sentir-se agradecida pela confiança que eles depositavam nela, mesmo após ter se envolvido com um canalha que a destruíra, explicou que não poderia fazer isso.

A empresa vendia beleza. As mulheres mais lindas do Brasil já haviam anunciado a marca, despertando nos consumidores o desejo de possuir a linha de produtos. Seu pai, pessoalmente, anunciava em congressos e coletivas para a imprensa cada vez que um produto era lançado no mercado. Ela mesma fizera o anúncio dos produtos no ano anterior.

Agora, o simples pensamento de enfrentar uma câmara a fazia suar frio. Estranhou o silêncio que reinava na casa e foi até a cozinha. O bilhete, deixado por Carmem, em cima da mesa a fez respirar aliviada.

"Mari, estou levando o Marcos para conhecer sua nova casa. Não espere por nós. Vamos jantar por lá."

Sua nova casa. Agradeceu a Deus por ter posto Carmem em sua vida. Além de tê-la ajudado com Marcos, desde que viera trabalhar naquela casa, agora deixaria que morassem na sua casa até que as

coisas se normalizassem e Mariana pudesse arcar com as despesas de um imóvel.

Marcos havia aceitado as novidades com tranquilidade, apesar de saber que ela era a culpada por tudo que estava acontecendo. Sentiu orgulho de seu irmão por ser tão maduro apesar da idade. E quase chorou quando ele falou que se não pudesse operar não tinha problema.

Felizmente seu pai deixara o dinheiro dele a salvo da sua burrice. A cada vez que lembrava como fora idiota se deixando levar pela conversa mole de Gilberto... Sentia vontade de se estapear. Mas como poderia saber que toda a beleza e charme que ele esbanjava escondiam a podridão a podridão que ele trazia por dentro?

Resolveu tomar um banho e vestir algo confortável. Enquanto refrescava-se em baixo do chuveiro, sua mente trabalhava. Tinha que pensar em uma solução para o problema na empresa e tinha que prepara algo para jantar... Pensar no jantar a fez lembrar-se dos olhos azuis de Micael, a encarando ao fazer o convite.

Aqueles olhos perturbadores pareciam chamá-la a mergulhar em suas profundezas. Balançou a cabeça dispersando os pensamentos. Apesar de consciente da forte atração que existia entre eles, não podia deixar-se levar. Um envolvimento com Micael seria intenso, maravilhoso... e passageiro. Não tinha certeza que suportaria o sofrimento quando isso acontecesse.

Não que Micael fosse um sujeito inescrupuloso como seu noivo. Ele não era. Parecia mais um anjo com todos ao seu redor e um demônio sedutor. Mas um homem assim, acostumado a seduzir e rodeado de belas mulheres, provavelmente não suportaria ter que conviver diariamente com alguém que... dificilmente poderia admirar. Impossível. Pensava enquanto vestia uma túnica colorida e prendia os cabelos. Andar com eles sobre o rosto, no calor infernal que fazia no Rio de Janeiro, era um suplício que enfrentava diariamente. Rumou para as escadas, os pés descalços sobre o piso frio. Seu coração quase parou ao deparar-se com Micael a sua espera.

Ele estava divino! A calça jeans justa e a blusa num azul um pouco mais escuro que os olhos, provavelmente fariam qualquer mulher olhá-lo cuidadosamente. E foi o que Mariana fez, apreciando as pernas rijas, o abdômen reto e o peito amplo delineados sob o tecido da blusa. Quando seus olhos se encontraram, percebeu que ele também a encarava. Lembrando-se de seu rosto totalmente a mostra, cobriu-o enquanto questionava.

- O que faz aqui?

Ao invés de responder sua pergunta, aproximou-se e delicadamente, fez com que ela retirasse a mão que encobria a parte do rosto que ostentava a cicatriz e com suavidade, traçou com os dedos a superfície rugosa. Viu Mariana respirar com dificuldade e engolir em seco, mas os olhos não se desviaram dos seus.

- Não devia se esconder. – Murmurou, sem interromper a carícia. – Você é linda.

Interrompendo o clima sedutor, Mariana afastou-se antes de render-se aos encantos de Mica.

- Eu sei bem o que sou. – Disse sem disfarçar a amargura. Tornou a questioná-lo. – O que faz aqui?

- Nós temos um assunto inacabado... – Micael disse com um sorriso pecaminoso.

As faces de Mariana tornaram-se rubras, ao recordar a maneira como se entregara às carícias de Micael. As lembranças tiveram o poder de acelerar seu coração e deixar seu corpo em expectativa.

- Sei que você ...

Micael falou pausadamente, enquanto aproximava-se outra vez. Seus olhos fixaram-se nos lábios de Mariana que os entreabriu a espera da promessa do beijo que percebia em sua voz.

- ... lembra do...

Seus olhos passearam pelo corpo coberto pela túnica de seda, detendo-se nos mamilos salientes sob o tecido. Sentiu seu corpo responder a visão da excitação involuntária do corpo feminino. O incômodo volume em suas calças, o fez afastar-se rapidamente,

antes que cometesse alguma loucura como arrancar o tecido colorido de seu corpo e enterrar-se entre suas pernas dando fim ao desejo louco que o torturava.

- ...do nosso jantar. – Disse quebrando de vez o clima sensual que os envolvia.

Demorou algum tempo para que as palavras de Micael fizessem sentido para Mariana. Sentia o corpo doer de desejo e o homem nem ao menos a tocara. Fixando-se nas últimas palavras que ele pronunciou, tentou por ordem em seus pensamentos.

- Eu disse que não poderia jantar com você.

- Disse? – Micael arqueou a sobrancelhas, ao encará-la. – Devo ter entendido mal...

- Duvido. – murmurou. – Então...

- Eu espero você calçar os pés. – Falou, com um sorriso inocente. – Apesar de achá-los extremamente sedutores.

Mariana observou os próprios pés, cujas unhas curtas estavam pintadas em um tom clarinho, ao ouvir a afirmação de Mica. Jamais havia pensado neles como "sedutores". Voltando ao assunto principal da conversa, resolveu ser direta. Encarou Micael.

- Eu não vou jantar com você. - Disse de forma rápida. – Não é nada com você. Mas desde o acidente... eu não vou a restaurantes.

- Eu não disse que iríamos a um restaurante. – Mica explicou pacientemente. – Então, o empecilho para que jante comigo não existe.

- Mas...

- Vamos lá, Mari! – Micael provocou. – Não está com medo de um simples jantar, está?

Mariana não soube realmente o que a convenceu. O tom de desafio com que ele falou ou olhar maroto que lhe prometia muito mais do que podia sonhar. Sem dizer nada, subiu correndo para o quarto e calçou sandálias baixas. A túnica, que vestira para estar dentro de casa, não lhe parecia à roupa ideal para ir onde quer que fosse que

Micael a levaria. Mas, como ele não lhe dissera para trocá-la, resolveu somente colocar um sutiã.

A lembrança da reação espontânea de seu corpo a proximidade de Micael, deveria deixá-la preocupada com este "encontro" que teriam. Longe disso, uma curiosa expectativa sobre os planos de Micael a envolvia. Desceu as escadas sem parar um minuto para pensar nos problemas do irmão, da empresa ou de seu rosto. Mica a aguardava e sorriu ao vê-la se aproximar.

- Perfeita! – exclamou antes de tomar as mãos pequenas entre as suas. – Vamos?

Mariana o acompanhou e logo entraram num Peugeot que estava estacionado na entrada da propriedade. Perguntou-lhe para onde estavam indo, mas Mica recusou-se a responder. Um sorriso mal disfarçado aparecia em seu rosto e Mariana teve certeza de que ele havia aprontado alguma coisa.

Para evitar mais perguntas, habilmente Micael começou a conversar, o que desviou a sua atenção.

- Espero que esteja com fome. – Ouviu-o dizer.

- Na verdade estou faminta. – Mari disse, relaxando de encontro ao assento estofado. – Não tive tempo de me alimentar direito.

- Problemas? – Mica perguntou, depois de olhar de relance para sua expressão.

- A empresa está exigindo de mim mais do que posso dar. – Disse com um suspiro antes de esclarecer. – Preciso encontrar uma pessoa que possa me ajudar a administrar.

- Que tipo de pessoa está procurando? - Mica perguntou enquanto direcionava o carro para a garagem de uma linda casa.

Mariana não respondeu. Olhava para a casa iluminada, pensando no que a aguardava ali dentro. Instintivamente sua mão buscou o rosto e só então percebeu que seus cabelos continuavam presos. Encarou Micael embasbacada, percebendo o quanto aquele homem mexia com as suas estruturas, enquanto procurava o elástico que prendia

seus cabelos, disposta a soltá-los. Dedos fortes a impediram de concluir o seu gesto.

- Não faça isso. – Pediu.

- Não quero que vejam...

- Eu estou olhando pra você agora. – Mica disse baixinho. – Sabe o que vejo?

- Eu sei... – Mari disse e baixou os olhos. - Eu não lembrei de esconder...

- Vejo uma mulher linda... – Mica disse surpreendendo-a.

Mariana levantou os olhos e a sinceridade com que ele a encarava fizeram com que seu coração batesse num ritmo descompassado.

– Forte... – disse enquanto acariciava seus dedos. - Determinada...

Mariana prendeu a respiração, ao sentir que seus lábios estavam tão próximos. Antes de beijá-la Micael ainda fez questão de dizer.

- E totalmente desejável...

O beijo apesar de esperado a fez estremecer entre os braços fortes. Quando ele havia retirado o cinto de segurança? Mariana não sabia. Estava praticamente no colo de Micael e nem mesmo lembrava-se de como fora parar ali. Era loucura o que esse homem despertava dentro dela. Esse desejo louco que não podia explicar... somente sentir.

Seu corpo todo ardia, como que em brasa. Um latejar insistente entre suas pernas a fazia desejar o toque de Micael. As mãos de másculas percorriam seus quadris de forma cadenciada deslizando por sob a túnica macia. Mariana se mexia em seu colo, de encontro à prova de sua excitação. Seus dedos subiram e envolveram seus seios, e ele praguejou quando percebeu que ela havia posto um sutiã.

Estava a ponto de arrancar a túnica que a envolvia quando se lembrou de onde estavam. Não podia acreditar que se portara como um adolescente inexperiente e quase fizera amor dentro de um carro estacionado na porta da casa...! O pensamento esfriando-o quase que instantaneamente.

Gemeu de frustração, enquanto envolvia Mariana num abraço, contendo os deliciosos movimentos de seu corpo. Parecia brincadeira, que a cada vez que estavam a ponto de se entregarem ao prazer algo os atrapalhava. Espalhou pequenos e úmidos beijos pela face dela, que se segurava com força em seu ombro.

- Da próxima vez... – Micael respirou fundo e recomeçou. – Na próxima vez que eu tocar em você... precisamos ter certeza de que não haverá interrupções.

- Mica... – Mariana gemeu ainda agarrada a ele e sentindo a força de desejo de encontro a seus quadris.

- Esta é a segunda vez hoje que me deixa assim... – Mica gemeu quando na tentativa de se afastar, ela roçou em sua anatomia

- Me desculpe...

- Não. – Micael cortou-a, os olhos brilhando na penumbra do carro. – Eu deveria ter mais controle... especialmente onde estamos.

Saiu do carro e respirou fundo ao ar da noite, antes de dar a volta no automóvel.

- E onde estamos? – Mariana perguntou enquanto ele estendia as mãos.

Micael trancou o carro e segurando em sua mão, encaminhou-se para entrada da casa, enquanto explicava.

- Apesar de ter preparado um jantar particular em minha casa... – Mari estremeceu com o tom íntimo. -... Uma ligação de Nate mudou meus planos.

- Nate? – perguntou confusa. – Ah, seu irmão advogado...

- Exatamente. – Mica disse, um minuto antes de tocar a campainha. – Ele precisa conversar com você.

Mariana ia perguntar o que o irmão dele poderia querer com ela, mas não teve tempo de formular a pergunta. Naquele instante a porta se abriu e uma mulher, de olhos negros e cabelos cacheados, os recebeu com um sorriso.

- Carolina? – Mica exclamou, surpreso, enquanto sentia a mão de Mariana apertar a sua. – O que faz aqui?

- Viemos fazer o jantar. – Ela disse com uma careta, após beijar-lhe o rosto num carinho familiar. – Nate não sabe fritar um ovo.

Micael a encarou, não acreditando nem por um minuto na explicação. Provavelmente, Nate havia contando alguma coisa a eles. Ficou receoso da reação de Carolina perante a mulher que, tensa, aguardava a seu lado.

- Olá! Você deve ser Mariana. – Carolina exclamou, cumprimentando-a com gentileza. – Eu sou Carolina, esposa do irmão de Mica, Gabriel.

- É um prazer conhecê-la. – Mariana aceitou a mão que Carolina lhe estendia, sentindo-se surpresa por ela encará-la com algo parecido com admiração!

- Vai deixá-los aí fora a noite inteira? – Gabe perguntou.

Sorriu para Mariana como se a conhecesse ou como se não estivesse vendo nada em seu rosto. Aquelas pessoas eram realmente diferentes, ela pensou.

- Oh! Este é meu marido. – Carolina disse com um sorriso. – E ele tem razão, melhor eu deixar que entrem.

Mariana observou o homem, idêntico ao que estava ao seu lado, abraçar a esposa com carinho. Sentiu as mãos de Mica em suas costas conduzindo-a porta adentro, depois de sussurrar em seu ouvido.

- Eu não sabia que eles estavam aqui.

Mariana sabia que ele estava sendo sincero. Sua surpresa ao deparar-se com a cunhada fora genuína. A sala de estar era bastante agradável. A um lado, um sofá creme ocupava toda a extensão da parede, fazendo companhia a um tapete marrom e um centro de vidro. No lado oposto, uma estante repleta de livros, uma escrivaninha e uma mesa com computador pareciam formar um escritório.

Era lá que estava Natanael, o irmão de Mica que era advogado. A expressão sombria que ele ostentava contrastava de tal maneira com

a calorosa recepção de boas vindas que Mariana estacou onde estava. Ele levantou cortesmente quando a viu.

- Vamos lá. – Mica disse incentivando-a. – Apesar da cara feia ele não morde.

Carolina, que havia escutado as palavras do cunhado, segurou o riso que quase explodiu seus lábios. Resolvida a acabar logo com aquilo, Mariana encaminhou-se para a cadeira que o advogado lhe apontava. A tensão em seu rosto a deixava nervosa. Buscou a mão de Micael, que imediatamente segurou gentilmente a sua.

- Eu não queria me meter em seus...assuntos. – Nate disse, encarando-a. – Mas meu irmão pediu que eu verificasse a situação.

Micael não estava gostando nem um pouco da expressão de seu irmão. Arrependia-se de não ter seguido seu plano original e ter jantado com Mariana em sua casa. A sós.

- E então...? – Mariana ergueu o queixo de maneira desafiadora. Não seria intimidada por ninguém. Sabia que fora sua burrice que provocara sua situação atual. Não precisava que lhe dissessem isso.

- E então eu preciso lhe perguntar... – ele disse e a encarou esperando sua reação. – Acredita em fantasmas, Mariana?

*Amor não é se envolver com a pessoa perfeita, aquela dos nossos
sonhos.*

Não existem príncipes nem princesas.

*Encare a outra pessoa de forma sincera e real, exaltando suas
qualidades, mas sabendo também de seus defeitos.*

*O amor só é lindo, quando encontramos alguém que nos transforme
no melhor que podemos ser.*

([Mário Quintana](#))

Capítulo VII

- Fan...fantasma?

- É...parece que o seu falecido noivo, resolveu aparecer. – Natanael disse, o olhar fixo em Mariana, que empalideceu visivelmente em choque.

- Isso não tem graça nenhuma! – Micael explodiu, numa rara demonstração de fúria.

- Não era pra ser engraçado mesmo. – Nate falou sem ligar para a raiva do irmão. – Você está arranjando um enorme problema!

Ah, Mica pensou. Então era isso. Seu irmão não havia se contentado em dar palpites sobre a sua vida. Ele agora resolvia interferir também.

- Você não tem nada a ver com isso!

- Ah, espere até eu dizer o que descobri e então você...

- Dá pra vocês dois pararem com isso? – Carolina os interrompeu. – Gabe, dê um jeito em seus irmãos... Vou levar a Mariana até a cozinha.

Mariana deixou-se levar e desabou ao chegar à cozinha. Gilberto estava vivo? Não podia acreditar numa coisa daquelas!

- O que pensam que estão fazendo? – Gabe perguntou aos irmãos.

- Estou tentando mostrar ao seu irmão... – Nate retrucou irritado. – Onde exatamente ele está se metendo.

- Nate... – O tom de aviso de Gabe, não o fez recuar.
- Já não basta o problema que você ainda tem com aquela golpista?
- Nate perguntou sarcástico.

Micael apoiou os braços na mesa, cara a cara com o irmão.

- É a *minha* vida... – Mica falou pausadamente. – Ao menos eu não fujo dos meus problemas!

- Mica, vamos conversar tranqüilamente... – Gabe tentou.

- O que está querendo dizer? - Os olhos de Nate tornaram-se tão frios quanto a sua expressão.

- Lena e...

- Agora chega! – O grito de Gabriel assustou-os e os fez calarem-se. – eu não vou deixar que vocês continuem com isso.

Gabe jamais vira os irmãos agirem daquela forma. Como dois... idiotas. Respirando fundo, tentou falar sem civilizadamente.

- Nate, o que foi que você descobriu... – silenciou Micael com um gesto. – Que justifique toda esta confusão?

- Eu também gostaria de saber... – a voz trêmula de Mariana era a única demonstração de que ela estava abalada. De volta da cozinha, olhava para Natanael de cabeça erguida, sem deixar-se levar pelo medo.

- Descobri que Gilberto Lopes está vivo. – Disse com sorriso frio. – E que pertence a um dos maiores grupos de traficantes aqui do Rio de Janeiro. Gilberto estava devendo uma grande quantia em dinheiro e por isso deu o golpe na "noivinha"...

Mariana enrijeceu-se ao ouvir o tom carregado de sarcasmo.

- Como descobriu tudo isso? – Mica perguntou.

- Eu tenho meus contatos. – Disse sem encará-lo. - Continuando... Com uma procuração assinada por ela, pegou grande parte da fortuna, mas não conseguiu pagar a dívida. Então, planejou o acidente para que pudesse se apossar do restante dos bens. O problema é que Mariana não morreu. Mas ele criou um plano para conseguir o dinheiro.

- Mas isso aconteceu há seis meses!
- Exato. – Mica explicou. – Mas ele não estava com pressa. Ele está esperando o momento certo para aparecer. Para isso, ele tem um cúmplice vigiando-a.
- Um cúmplice? – Mariana estava aturdida. – Mas quem?
- Isso eu não consegui descobrir. – Micael disse com um dar de ombros. – Mas acho melhor você procurar a polícia. – E virando-se para Micael, complementou. – E você se afastar dessa confusão, o mais rápido que puder.

Depois de despejar as notícias, Nate saiu de casa batendo a porta, deixando um silêncio desconfortável na sala. Gabe e Carolina, escapuliram, deixando Mariana e Micael sozinhos. Quando ele se aproximou, ela deu um passo atrás.

- Seu irmão está certo. – disse devagar. – O melhor que você tem a fazer, é manter-se afastado de mim.

- Mariana...

- Não está vendo? – Mariana, estava apavorada. – Ele me queria morta... ainda quer me matar!

- Mariana, me escute...

- Não... Você não escutou seu irmão? – Uma histeria gerada pelo pânico começava a tomar conta de seu corpo. – Estou sendo vigiada... Vão ver você comigo, e vão matá-lo também.

Ignorando seus protestos, Mica aproximou-se e a trouxe para o círculo protetor de seus braços.

- Pare! – A segurou com força e a fez encará-lo. – Ninguém vai morrer aqui.

Mariana passou a rir histericamente. O que havia feito para que Deus a castigasse daquela maneira? Seria tão errado querer receber carinho? Um pranto dolorido substituiu o riso. Estava marcada para morrer... O que seria de seu irmão? Carregando-a em seus braços, Micael dirigiu-se para o sofá e embalou-a até que se acalmasse.

Lá fora, Gabe tentava conversar com Nate, sem que este se exaltasse.

- Não precisava ter sido tão duro.

- Não acredito que você está dizendo isso. – Nate resmungou. – Não lembra o que ele passou?

- Mariana não é Raquel, Nate. – Gabe disse cansado. – Não pode julgá-la dessa maneira.

- Eu julgo a partir das provas. – Nate irritou-se. – Não ouviu uma palavra do que disse lá dentro?

- Você já errou uma vez. – Gabe respondeu prontamente. – Julgou Carolina e depois...

- Você e Micael são diferentes.

- Sim, somos. – Gabe concordou. – Mas esta é a primeira mulher nos últimos tempos por quem ele se interessou.

- Ele não vive celibatário, irmãozinho.

- Não. – Gabe foi firme. – Ele vive cercado por um bando de mulheres fúteis e vazias. Ele não se compromete... assim como você.

- Só porque você acha que estar casado é a oitava maravilha do mundo...

- Não é isso... – Gabe interrompeu. – Mas não acha que deveríamos dar uma chance a Mariana e um voto de confiança em Micael?

Nate ficou em silêncio. Sua fisionomia não demonstrava em nada seus pensamentos. Um suspiro irritado precedeu suas palavras.

- Eu posso tentar... - Disse, antes de completar. – Mas não estou gostando desta história e não quero que nossos pais saibam disso.

- Não vão saber. – Gabriel sorriu aliviado. – Você vai...?

- Vou entrar e pedir desculpas por meu comportamento. – Disse ao irmão com um sorriso irônico. – Não é isso que todos esperam?

- Nate...

- Gabe, eu posso ser intransigente e ignorante... - disse com brilho nos olhos. - Mas não sou hipócrita. Vou dizer ao meu irmão que vou ajudar no que ele precisar, mas não vou fingir que está tudo bem.

- Já é alguma coisa. – Disse Gabriel. – Não gosto quando ficamos assim... estremecidos.

- Não é sempre que acontece. – disse Nate.

- Não. – Gabe assentiu. – Mas nem sempre as coisas ficam totalmente esclarecidas.

- Isso é passado. – Nate desconversou.

- É mesmo? – Gabe sacudiu a cabeça. – Você e Madalena...

- Pare. – interrompeu-o. – Não junte o meu nome e o desta criatura na mesma frase.

- Mas...

- Isso não está aberto a discussões, Gabe.

Gabriel viu o irmão dar-lhe as costas e voltar para a casa. Podia estar errado, mas gostaria que seus irmãos pudessem viver um amor como o que ele compartilhava com Carolina. Sua desastrada esposa era um presente na sua vida. Talvez, Micael e Mariana conseguissem triunfar sobre os problemas e chegarem à felicidade. Já Nate... era teimoso demais para admitir que a felicidade podia estar tão próxima a ele.

Nate encontrou o irmão sozinho e conteve o suspiro de alívio. Não estava acostumado a pedir desculpas e preferia não ter uma platéia ao fazê-lo.

- Onde ela está?

- Ela foi ao banheiro... Lavar o rosto.

O tom contido de Micael deu a Nate uma clara visão do quanto o magoara. Levando-se em conta que esta mágoa era reflexo das coisas que dissera a Mariana, deduziu que era tarde demais para pedir que seu irmão não se envolvesse. Micael já estava envolvido.

- Mica... eu... – sacudiu as mãos, tentando encontrar as palavras e optando pela mais simples. – Desculpe-me.

O silêncio de Mica, não era muito encorajador, mas Nate não era um homem de assustar-se facilmente... ou acovardar-se.

- Não retiro uma palavra do que eu disse... - falou e viu os olhos de Mica brilharem. – Acredito realmente que o melhor seria afastar-se.

Nate percebeu que seu irmão o encarava incrédulo e tentou manter a seriedade ao encará-lo e dizer.

- Deveria ter parado no pedido de desculpas.

Nate teve a decência de parecer encabulado.

- Mica...

- Eu sei que você só quer o melhor para mim. – Mica interrompeu-o.
– Mas não me peça para me afastar dela porque... não vou fazer isso.

- Eu já imaginava isso. – Nate aproximou-se da mesa e entregou-lhe um envelope.

Micael abriu o envelope dividido entre a curiosidade e a suspeita. Enquanto retirava os papéis, percebeu Mariana aproximando-se um tanto quanto temerosa em aproximar-se.

- Detetives? – Mica perguntou intrigado.

- Se pretende ficar com ela... - Apontou Mariana com um gesto.
-...pelo menos deve certificar-se de que estarão seguros.

- Não será preciso. – Mariana falou, pigarreando ao perceber o quão fraca sua voz parecera. – Não há nada entre Micael e eu...

- Mariana!

- Sabia desde o começo que não daria certo...

- Está recusando o meu irmão? – Nate parecia chocado com sua audácia.

- Não! – Mari disse. – Mas não quero... que nada de mal aconteça.

- Vê? – Nate disse encarando o irmão. – Ela parece ter mais juízo do que você.

- Deveria ficar feliz! – Mariana falou tentando entender o que se passava. – Foi você que disse para...

– Vai deixar que ela o dispense? – Nate perguntou, encarando-o.

- Isso não está em discussão. – Mica disse disfarçando um sorriso.

- Certifique-se de que ela realmente está limpa. - Nate pediu.

- E peça ajuda se precisar... - Gabe disse ao juntar-se a eles.

- Vocês estão loucos? – Mariana exaltou-se. – Não entenderam o que está acontecendo?

- Você que não entendeu, querida. – Mica a puxou para seus braços antes de explicar. – A partir de agora está sob a nossa proteção.

- Não pense que confio em você. – Nate disse rapidamente. – Estarei por perto no momento em que entregar seu jogo.

- Nate... – A voz de Gabe era um aviso.
- Já sei... – Nate falou. – Um voto de confiança...
- Anjinhos... – Carolina brincou, chamando-os. – O jantar está pronto.
- Vamos! – Gabe disse sorrindo. – Estou faminto!

A sós, Mariana ficou encarando Micael acreditando firmemente ter ingressado em uma família de loucos.

- Anjinhos... – murmurou entre dentes.
- Aham... – Mica a abraçou. - Não somos tão ruins assim, somos?
- Micael...eu quero...
- O quê? – Perguntou ele, acariciando seus braços.
- Que você se afaste. – Mariana disse rapidamente, antes de acovardar-se.

Micael soltou seus braços, dando-lhe o espaço de poucos centímetros, antes de com um sorrir-lhe com falsa ingenuidade.

- Pronto.

Mari balançou a cabeça, esforçando-se para não sorrir.

- Falo sério, Mica. - Disse. – É melhor afastar-se de mim.
- Eu também estou falando sério. – Micael afirmou. – Esta é a maior distância que vai conseguir impor.
- Não pode...
- Eu posso. – Mica disse silenciando-a. – *Você* não pode me impedir.
- Por que está fazendo isso? – Mari bufou. – Nem me conhece direito!

Micael acariciou suavemente sua face, acompanhando a trilha formada pela cicatriz.

- Eu conheço o suficiente.

Mariana percebeu horrorizada o quanto se expusera. Desde o momento em que entrara na residência de Nate, tantas coisas aconteceram que nem mesmo lembrou de sua cicatriz...A família

Angelis parecia não ter notado também...Levou a mão aos cabelos, instintivamente.

Micael juntou suas mãos às costas, enquanto a beijava com paixão. Mariana entregou-se ao beijo, correspondendo com igual ímpeto, até sentir as pernas moles. Mica afastou os lábios e um sorriso matreiro fez as covinhas aparecerem.

- Melhor jantarmos... antes que eu acabe por devorá-la.

Indefesa diante dos sentimentos que o homem a sua frente lhe provocava, Mariana sorriu e deixou-se levar por Micael. Esquecida do perigo que a rondava. Esquecida das cicatrizes que carregava. Que Deus a ajudasse, pois aquele homem era capaz de fazê-la esquecer de tudo e levá-la a ter esperanças...

*Em momentos de delícia,
Extática, embevecida,
Numa voz, toda carícia,
Tu me chamas: "Minha vida!"
(Lord Byron)*

Capítulo VIII

A semana corrida de Mariana deixou pouco tempo para encontros com Micael. A casta despedida depois do jantar na casa de Nate lhe despertava sentimentos contraditórios. Mica fez questão de mostrar sua preocupação com Mariana, enviando ajuda.

Madalena Oliveira apresentou-se a Mariana na terça-feira pela manhã. Ela chegou poucos minutos depois de Micael ter ligado, informando que encontrara a pessoa ideal para ajudá-la na empresa de cosméticos. A linda e sorridente jovem, com seus grandes olhos cor de mel e feições delicadas, lhe despertou ciúmes instantaneamente. Os cabelos cor de fogo e a boca larga seriam apreciados por Micael? Mariana arrumou os cabelos, ocultando sua cicatriz enquanto observava a mulher a sua frente. Quem seria aquela mulher e porque aceitara ajudá-la? Que importância teria Micael em sua vida para que aceitasse auxiliar uma completa estranha? Com pensamentos sombrios a invadirem sua mente, Mariana observou a ruiva instalar-se confortavelmente na cadeira, enquanto informava.

- Eu nunca fiz este tipo de serviço... - Lena explicou. - Mas não podia dizer "não" a um pedido do Mica.

- Claro. – Disse Mariana, mas na verdade estava confusa.

- Então você pode me dizer como quer que eu me apresente nas coletivas e eu faço. - Lena disse e encarou-a.

- Eu preciso que você conheça o que a empresa está produzindo e apresente os produtos nas entrevistas, exposições...

Por algum tempo, Mariana pôs-se a explicar o papel que Madalena teria que exercer.

- Parece simples. – Lena disse ao final.

- Sim. – Mari confirmou. - Eu vou apresentá-la aos advogados da empresa e mostrar uns vídeos que meu pai guardou.

- Tudo bem.

– Podemos marcar outra hora? - Mariana perguntou. - Tenho um encontro com o irmão de Micael...

- Claro!- Madalena sorriu. – estou indo para a casa do Gabe, se quiser uma carona.

- Ah, obrigada. – Mariana agradeceu, polida. – Mas vou ver o Natanael... Nate, o advogado.

- Entendi. – Madalena disse friamente. – Talvez seja melhor não comentar minha ajuda.

- Algum problema?

- Não. – Madalena fez uma careta. – Mas isso não vai impedi-lo de criar alguns...

- Vocês...?

- Ah, temos assuntos mal resolvidos. – disse e seus olhos anuviaram. – Melhor não falar de mim.

- Bem... não direi nada, se ele não perguntar. – Mariana avisou.

- Já é alguma coisa. – Madalena sorriu. – Nos vemos amanhã?

- Sim. – Mari confirmou. – Estarei na fábrica por volta das nove horas.

Após uma despedida rápida, Mariana correu para aprontar-se. Uma saia envelope verde musgo e uma blusa amarela de mangas curtas e sem decotes. Os cabelos soltos, que escondiam a cicatriz, levaram algumas escovadelas e pronto. Sem jóias e maquiagem, não demorou muito para ficar pronta. Pegando a pasta que continha todos os documentos que conseguira reunir, rumou para o escritório de Natanael Angelis. Estava preparada para enfrentar a fera em sua própria toca.

Nate a recebeu com cortesia, e rapidamente passou a estudar os documentos ignorando sua presença. Mariana passou a contemplar o luxuoso escritório, de maneira a ocupar o tempo. Uma ampla janela tomava toda a parede lateral, dando luminosidade ao ambiente e presenteando aos que ali estavam uma bela vista da cidade com o Cristo Redentor ao longe.

Um tapete azul escuro felpudo ocupava o centro da sala, que continha um sofá branco e mesa de centro, uma mesa com quatro cadeiras e duas cadeiras confortáveis dispostas em frente à mesa do

advogado. Reproduções, ou seriam originais?, de quadros de Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral enfeitavam as paredes.

A mesa, atrás da qual ele estava sentado, tinha os objetos extremamente organizados. Tudo muito útil e prático, incluindo o laptop. Talvez, a única coisa a destoar fossem os porta-retratos de vidro que ostentavam uma foto de quatro crianças lado a lado, os trigêmeos Angelis e uma menininha ruiva.

- Vocês têm uma irmã? – Atreveu-se a perguntar.

Nate tirou os olhos dos documentos por alguns segundos e a encarou sem entender.

- A foto... – Mariana explicou.

- Não temos uma irmã. – explicou, enquanto voltava a olhar para os papéis e seu tom foi extremamente frio ao completar. – Esta é Madalena.

Madalena. A mulher que Micael havia enviado para lhe ajudar. Observou mais atentamente a foto, tentando descobrir qual dos três irmãos Angelis abraçava a ruivinha. Impossível, compreendeu depois de minutos contemplando a fotografia.

Se hoje, com temperamentos tão diferentes era difícil distingui-los, como fazer isso observando uma fotografia tirada há tanto tempo? Nate terminou de verificar a documentação e percebeu seu interesse na fotografia. Parecia encantada com a imagem de Madalena. Irritou-se com aquilo. Por que todos pareciam gostar dela instantaneamente?

- Provavelmente você irá conhecê-la. – Nate disse, antes de completar venenosamente. – Micael e Madalena são muito... íntimos.

Mariana encarou Natanael tentando imaginar a reação que ele esperava por parte dela. Talvez acreditasse que iria demonstrar todo o ciúme que estava sentindo? Ou que ignorasse a tentativa sutil de indispor-na com Mica? Resolveu jogar com as mesmas cartas e desestabilizá-lo.

- Na verdade, eu já a conheço. – Disse e sorriu inocente. – Ela vai me ajudar na empresa... Mica a enviou.

Um brilho furioso apareceu nos olhos de Nate, sendo quase que imediatamente substituído por uma frieza calculada. Bingo! Não vai ganhar de mim, pensou a moça. Mas percebeu que era uma aprendiz quando ele concordou.

- Ela não negaria nada a Micael. – Disse com deboche. – Como eu disse... são muito íntimos.

Digitou algumas coisas no laptop e imprimiu, passando-lhe os papéis.

- Aí está um contrato formal para que eu a represente e entre com um processo legal de investigação da morte de seu... noivo e para posteriormente iniciar um processo de restauração de bens. Meus honorários, como está explicado no último parágrafo, serão cobrados somente no caso de seus bens serem devolvidos.

- Se não conseguir...

- Não existe esta possibilidade. – Nate disse com arrogância. – Preocupe-se em andar protegida e não faça nada estúpido como tentar encontrar esse homem sozinha...

- Ela não vai fazer isso.

- Mica! – Mariana exclamou surpresa.

Não o vira chegar e, provavelmente, Nate também não. O sorriso estampado em seu rosto era de tirar o fôlego. Deveria ser pecado existir um homem lindo como aquele... pensando melhor, deveria ser pecado existirem três homens tão bonitos.

- E então? – Micael perguntou encarando o irmão.

- Tudo certo. – Nate disse. – Mariana está terminando de assinar os papéis e depois eu entro em ação.

- Ótimo! – falou. - Podemos ir juntos para a casa de Gabe. Carolina está nos esperando para o almoço.

- Não acho que...

- Ah, vamos lá Nate! – Mica pediu. – Você quase nunca comemora com a gente!

- E o que estão comemorando?

- Carolina fez uma ultra-sonografia. – Mica explicou. – Vai nos contar os detalhes durante o almoço...

- Tudo bem. – Nate suspirou conformado. – Deixe-me deixar algumas orientações com a secretária.

Quando Nate saiu da sala, Mica puxou Mariana para os seus braços e deu-lhe um beijo de tirar o fôlego.

- Oi.

- Oi.

- Senti saudades.

- Eu também. - Mariana admitiu.

Micael não pode esconder sua surpresa com a admissão feita em tom rouco. Mariana percebeu e um brilho diferente surgiu em seus olhos.

- Não devia ter dito. – Disse encarando-o. – É perigoso deixá-lo saber...

Micael a interrompeu, selando seus lábios com um novo beijo.

- Não acho que...

Novamente, Micael a beijou e Mariana finalmente se rendeu. Beijaram-se por um longo momento, até Nate anunciar sua volta.

- Podemos ir.

-Mica... – Mariana começou, insegura. – Não acho que deva...

- Você vai comigo.

O tom firme e decidido não admitia contestações, mesmo assim Mariana tentou.

- Mas...

Mica tomou seus lábios levemente, ignorando a presença do irmão, beijando-a até deixá-la tonta.

- Vamos... – Disse antes de levá-la pela mão. – Pode tentar discutir durante o caminho... Vou adorar ter um motivo para beijá-la.

Mariana não conteve o sorriso que surgiu em seu rosto. E quando Mica lhe piscou, ela correspondeu. Nate observou-os saírem, antes de segui-los. Balançou a cabeça, inconformado em como o amor havia deixado seus irmãos... patéticos.

Carolina estava radiante ao ver a família reunida em sua casa. Mesmo após seu casamento, as reuniões formais ou informais aconteciam na casa de seus sogros. Apesar de adorar Serena e Rafael, sonhara em fazer uma reunião como aquela em sua casa. E a ocasião não podia ser melhor.

Apesar de saber cozinhar, contratara um bufê especializado para fornecer a refeição. Não queria que nada saísse errado e com sua propensão para o desastre, preferiu não arriscar. A princípio Gabe protestara com um almoço em plena sexta-feira, mas Carolina conseguira convencê-lo de que seria perfeito!

A enorme mesa armada nos fundos da casa já estava devidamente arrumada, as bebidas acondicionadas em enormes recipientes de gelo e alguns dos convidados estavam presentes. Além dos sogros, Madalena havia chegado mais cedo e ajudara com os arranjos de última hora.

Carmem também estava lá e Carolina ficou feliz por isso. Ela havia sofrido muito ao longo do último ano, descobrir que o homem por quem se apaixonara e se aproximara dela com o intuito de enganá-la fora penoso. Carolina desejava que a amiga encontrasse uma pessoa que a fizesse feliz. Seus pais estavam entretidos em uma longa conversa com Gabe, que os ouvia atentamente.

Um amigo de Gabe, vindo dos Estados Unidos, conversava animadamente com Madalena quando um carro estacionou na alameda. Mica, Mariana e Nate haviam chegado. Nate se encaminhou para junto das pessoas e Mica o seguiu, levando uma relutante Mariana consigo.

- Mica! – Mari gemeu. - Eu não estou vestida apropriadamente

- Você está ótima. – Ele disse com um sorriso. – Relaxe. É só um almoço em família.

Carolina a recebeu com genuína alegria. Mica a apresentou a todos os presentes e logo ela relaxou. Todos se reuniram ao redor da grande mesa, Mariana tendo a um lado Micael e Madalena e do outro Serena e Rafael. O pai de Mica tinha um olhar que parecia enxergar no fundo de sua alma. Passara alguns segundos a observá-la antes de dizer.

- Ah! Está florescendo... Pena que ainda existem contratempos. – Balançou a cabeça antes de sussurrar. – acredite.

Depois de algum tempo, Mariana percebeu o quanto estava se divertindo. Os pais dos trigêmeos eram super simpáticos, e Micael a todo instante lhe fazia um ou outro carinho. Nem mesmo o mau-humor de Nate, que olhava para Madalena como que pronto para atacá-la, conseguiu perturbar o clima de harmonia.

Andreas, o amigo de Gabe, conversava ora com Carmem que estava ao seu lado, ora com Madalena que estava a sua frente. Madalena, que pela manhã lhe parecera alegre e extrovertida, ostentava um sorriso tenso e brincava com a comida em seu prato.

- Eu gostaria de agradecer a todos vocês por estarem aqui, compartilhando este momento conosco. – Gabriel falou, chamando a atenção do grupo.

- Sim! – Carolina sorriu feliz. – Esta pequena reunião é para comemarmos a gravidez saudável que estou tendo...

Olhares curiosos e em expectativa voltaram-se para o casal. Micael aproximou-se de Mariana e sussurrou ao seu ouvido.

- Eles estão com cara de que aprontaram...

- E contar que nossa visita ao médico foi bastante... surpreendente. – Gabe continuou.

- Daqui a seis meses... seremos os felizes pais de gêmeos!

Vivas e parabéns foram pronunciados por todos, que cumprimentaram os papais de primeira viagem. Quase ninguém notou o momento que Madalena saiu de fininho... Mariana sentiu o

coração apertar quando Mica pediu-lhe que aguardasse um instante e a seguiu.

O olhar que Nate lhe enviou também não ajudou muito. Micael encontrou Madalena na cozinha, apoiada no balcão de mármore com os olhos fechados. Abriu os olhos quando ele se aproximou.

- Lena? – Questionou. – Algum problema?

Madalena tentou sorrir para afastar a preocupação de Micael. Nunca poderia contar-lhe toda a amargura que envolvia seu coração. Não. Mica sempre fora seu irmão adorado, que a fazia rir quando estava triste, lutar quando desejava desistir, brigar quando era injustiçada...

- É só uma dor de cabeça. – disse. – Talvez possa me receitar algo, Doutor?

- Hum. – Micael sorriu. - Talvez afastar a causa dessa dor?

- Não sei...

- Claro que sabe! – Mica disse enquanto, familiarizado com a casa, abriu uma gaveta e retirou dois pequenos comprimidos de um frasco. – Podemos enviar Nate para Jamaica!

Madalena tomou o remédio obedientemente, disfarçando o desconforto. Seria tão evidente assim para todos os seus sentimentos? Pensou em evitar participar das reuniões da família. Seria melhor para todos se...

- Nem pense nisso. – Mica falou.

Madalena aquiesceu e Mica perguntou mudando de assunto.

- O que achou de Mariana?

- Perfeita pra você! – Ela sorriu de lado?

- Por que será que estou achando que há algo mais, que você quer me falar?

Com uma risadinha, Madalena pôs a mão no queixo, e fingiu-se pensativa...

- Estava pensando no estrago que faria se aceitasse agora, aquele pedido de casamento vitalício!

Por um instante Micael ficou sem fala, até que rompeu numa gostosa gargalhada. Sempre que Nate estava por perto, ele a pedia em casamento e declarava que esperaria seu sim eternamente.

- Diabinha! – Mica sorriu e a abraçou, aquela que considerava sua irmãzinha. – Te amo, sabia?

- Eu também, seu bobo!

As palavras finais, pronunciadas inocentemente, caíram como uma bomba para a mulher parada, próximo à porta. Sufocando o gemido em sua garganta, Mariana deu as costas à cena e buscou refúgio longe das pessoas que conversavam alegremente. Não queria que a vissem chorar a esperança perdida.

*Sabe Deus se te amei! sabem as noites.
Essa dor que alentei, que tu nutrias!
Sabe esse pobre coração que treme.
Que a esperança perdeu por que mentias!
(Álvares de Azevedo)*

Capítulo IX

Mariana andava às cegas, ignorando a conversa animada que se desenrolava a mesa do almoço. Seus pés inadvertidamente a levaram para a lateral oposta da casa, onde avistou uma enorme árvore, de cujo galho pendia um balço. Sentou ali, deixando o pranto correr livre. Deixara se levar por uma tola esperança, e por isso sofria.

Devia saber que o fato de despertar o desejo de Micael não significava que ele gostasse dela. Era uma mulher marcada, pensou ao tocar a cicatriz em seu rosto, marcada para morrer pensou ao lembrar-se das ameaças a que estava exposta. Perdera sua fortuna, perdera sua beleza... perdera sua capacidade de acreditar num futuro feliz.

Micael a fizera acreditar outra vez. Deus! Como quisera acreditar que seria possível ser feliz! Enganara-se. Micael amava outra mulher... Pior, pedira a essa mulher que a ajudasse. Provavelmente sentia compaixão por sua situação. O triste é que não conseguia sentir raiva do homem que a despertara novamente para a vida e nem da mulher que lhe oferecera ajuda... por amor a ele.

- Sente-se bem?

A pergunta a assustou e observou o homem que parara a sua frente. Gabriel Angelis era tão bonito quanto seus irmão gêmeos, mas seu semblante não continha o calor convidativo de Micael, nem a frieza aparente de Nate. Na verdade, parecia-lhe que dos três, Gabriel fora o que herdara as características do pai. Podia perceber a força da intuição e a sabedoria que o envolvia.

- Sim. – Mariana disse, enxugando as lágrimas.

- Vi quando saiu da cozinha. – disse encarando-a. – Algo interessante?

Mariana o encarou surpresa com suas suposições. Franziu o cenho. Seriam suposições, ou ele também presenciara a cena constrangedora?

- Às vezes, o que acreditamos saber... não é a verdade. – Gabe disse.

- Difícil não acreditar no que vemos... ou ouvimos.

- Bem, é verdade. – Gabe falou pensativo. – Difícil é acreditar no que não podemos ver... ou ouvir.

- Sim.

- Bem, vou deixá-la sozinha. – Gabe deu-lhe as costas, mas voltou-se adiante. – Espero que venha comemorar conosco.

Mariana assentiu e viu Gabriel se afastar. Ele parecia um homem feliz e apaixonado por sua esposa. E o olhar que Carolina dirigia ao marido transbordava amor. De longe viu o momento em que Mica o interpelou e ele apontou para onde estava. Ele a viu e veio em sua direção, de longe não podia ver sua expressão, mas imaginava as sobrancelhas arqueadas interrogativamente.

- O que houve? – Ele perguntou tão logo se aproximou. – Por que está aqui sozinha?

- Não foi nada. – Evitou encará-lo. – Podemos voltar para junto de sua família.

Levantou do balanço e deu dois passos à frente.

- Mariana?

- Sim? – O tom de Mica a fez estacar.

- Tem certeza de que está tudo bem?

Não! Mariana quis gritar. Nada está bem. Estou despedaçando por dentro ao pensar em você e Madalena. Que a declaração de amor de vocês está girando em minha mente, como que zombando de minhas tolas esperanças... Queria gritar-lhe seu sofrimento, ao invés disso, balançou a cabeça e seguiu adiante.

- Está tudo bem.

O restante da tarde passou de maneira assustadoramente lenta. A cabeça de Mariana estava a ponto de explodir e sentia o rosto doer de tanto forçar um sorriso. Quando Micael finalmente anunciou que estavam indo embora, Mariana quase deixou escapar um suspiro de

alívio. Acompanhou-o até o carro e só então percebeu que estavam sozinhos.

- Meu irmão irá mais tarde. – Micael explicou de forma sucinta.

Mariana podia perceber a tensão que o envolvia, as mãos grandes e fortes apertavam firmemente o volante. Mariana não pode deixar de pensar que não seria fácil escapar de uma explicação. Micael não a perdera de vista um minuto depois que voltaram para a mesa. Ele sabia que havia algo errado e provavelmente exigiria que ela lhe dissesse o que era. Quando Micael estacionou o carro em frente a sua casa, Mariana saltou pronta para despedir-se. Antes que pudesse fazer isso, entretanto, ele a segurou pelo braço.

- Não tão rápido. – Ele a acompanhou até a porta. – Precisamos conversar.

- Acho melhor deixarmos para amanhã. – Mariana soou fria. – Obrigada por...

Não chegou a completar a frase. Retirando a chave de suas mãos, Micael abriu a porta e a puxou para dentro, antes de trancá-la a chave. Ofegante, Mariana tentou desvencilhar-se, mas foi prensada de encontro à porta.

- Fale.

Mariana o encarou furiosa. Quem ele pensava que era para lhe dar ordens? Soprou os cabelos que lhe caíam sobre a face e permaneceu calada, encarando-o como uma fera pronta para atacar. Mica notou que a situação não estava favorável e mudou de tática. Com a mão livre afastou os cabelos loiros do rosto, arrumando-os delicadamente atrás da orelha. Uma perna alojou-se entre as coxas de Mariana e suas mãos apoiaram-se um pouco acima da cintura, seus dedos perigosamente próximos aos seios femininos.

- Mari... – Mica sussurrou antes de beijá-la com paixão.

Mariana ainda resistiu por alguns instantes antes de entregar-se com abandono. Micael saboreou os lábios macios, seu corpo reagindo automaticamente à mulher a sua frente. As mãos de Mariana entrelaçaram-se em seu pescoço, os dedos acariciando os cabelos negros. Todo seu corpo derretia-se de encontro a Micael.

A carícia suave de suas mãos a torturavam. Seus mamilos enrijecidos latejavam a espera de atenção. Parecia tão certo se abandonar às sensações que Micael lhe provocava. Tão certo se deixar levar pelo desejo que ele lhe despertava. Tão fácil esquecer a conversa que ouvira entre ele e Madalena...

Empurrou-o com as duas mãos e afastou-se furiosa. Estava completamente louca. Não tinha nenhum respeito por si própria. Encontrava-se a ponto de se entregar a um homem que há poucas horas estava declarando seu amor à outra.

O brilho nos olhos de Micael a avisava que ele não estava nem um pouco satisfeito. Mariana o encarou com determinação. Pensar que se permitira acreditar em um homem outra vez, somente para ser novamente enganada... Quando Micael fez menção de aproximar-se, pediu.

- Não.

A dor em seus olhos, mais do que a negativa em voz baixa, fez Micael recuar. Cerrou os punhos, impotente diante daquela situação. Respirou fundo, antes de tentar, mais uma vez, descobrir o motivo do comportamento de Mariana.

- Não quer me contar o que aconteceu?

Acreditando ser incapaz de falar, balançou a cabeça negando. Micael fez força para controlar o desejo de sacudi-la até conseguir uma resposta.

- Bem, de um jeito ou de outro eu vou descobrir o que aconteceu. – Disse arrogante. – Então por que não acaba com isso de uma vez para que eu possa...

- Se encontrar com ela? – Mariana descontrolou-se. – Vá de uma vez.

- Do que está falando? - Micael estava confuso

- Não se faça de inocente. – Deu-lhe as costas e apoiou-se no corrimão da escada. – Eu vi vocês.

- Viu? – De repente uma luz acendeu em sua mente e lembrou-se da conversa que tivera com Lena, na cozinha. – Você está com ciúmes.

A constatação debochada de Micael a fez se voltar furiosa.

- Estou com raiva por ter acreditado que você...

O olhar impertinente e desafiador o fizeram lembrar-se da primeira vez que a vira. Parecia uma fera. Sua pequena fera. Aproximou-se, alheio a fúria em seu olhar.

- Está com ciúmes... – Repetiu, antes de puxá-la de encontro a seu corpo.

Mariana lutou para escapar dos seus braços, as mãos pequenas fechadas, os punhos batendo de encontro ao peito largo. Mica juntou suas mãos, levando-as até suas costas. Mariana debatia-se como uma ave capturada. Segurando-a com uma das mãos, com a outra segurou seu rosto forçando-a a encará-lo.

- Eu nunca pensei em Madalena como algo mais que uma irmã querida. – Mari o olhou descrente. – A única mulher que me interessa verdadeiramente em muito tempo, está aqui, em minha frente.

Encostou seu corpo no dela e beijou-a, sem delicadeza. Mariana correspondeu sôfrega, odiando-se por se entregar tão prontamente a Micael.

- É você que me faz agir feito um adolescente que não consegue controlar os hormônios... que me fez tomar mais banhos frios nesta última semana do que seria saudável...

Soltou as mãos de Mariana para puxá-la de encontro ao seu corpo. Com as mãos em seus quadris, a fez sentir o quanto estava excitado enquanto seus lábios traçavam um caminho do lóbulo de sua orelha até o pescoço, percorrendo toda a trajetória da cicatriz em sua face. O gemido de Mari foi todo o incentivo que precisava.

Depositou-a em pé na escada, dois degraus acima do que estava sem deixar de abraçá-la. Beijando-a até estarem sem fôlego, suas mãos incumbiram-se da blusa amarela que ela usava e que foi desabotoada as pressas e jogada ao chão. Os seios macios e volumosos pareciam querer saltar do sutiã que os mantinha cativos. Micael os livrou da prisão e seus olhos contemplaram gulosos a carne alva e os mamilos rosados que pareciam implorar sua atenção.

Suas mãos envolveram a carne macia, acariciando-os de forma torturantemente lenta. Quando seus dedos atçaram os mamilos duros de desejo, Mariana sentiu uma descarga elétrica atravessar seu corpo e alojar-se pulsante entre suas pernas, que não mais queriam sustentá-la. Desejosa, ronronou como uma gata...

- Micael...

Atendendo ao pedido feito em tom de lamento, Mica abocanhou um mamilo com os lábios, saboreando-o como a uma fruta madura. Lambeu, beijou, sugou e mordiscou-o para depois dar atenção ao outro seio, repetindo as carícias enlouquecedoras até ouvi-la gemer de desejo.

Micael sentiu-a amolecer de encontro a seu corpo, e com a pouca lucidez que lhe restava, pegou as peças de roupas jogadas ao chão, antes de tomá-la em seus braços e levá-la pra cima em busca de um quarto. Abriu a primeira porta que encontrou e entrou num quarto incrivelmente masculino. Não se importou.

Havia uma cama enorme no aposento e foi pra lá que ele se dirigiu. Depositou Mariana ali e sem deixar de fitá-la retirou sua blusa rapidamente, para logo em seguida deitar-se a seu lado. O desejo estava estampado em seus olhos e Mariana não podia, e não queria, disfarçar.

Admirou o homem a sua frente e suas mãos instintivamente o puxaram pra si. Beijou-o demonstrando o quanto o queria, enquanto suas mãos passeavam por seu peito. As mãos de Micael trabalharam rapidamente retirando a saia envelope que a envolvia juntamente com a calcinha branca que usava por baixo. Tendo-a completamente nua, afastou-se para admirá-la. Os olhos de Mariana tomaram-se momentaneamente de apreensão. Havia cicatrizes...

- Linda...

A voz de Micael e o olhar que lhe dirigia atestavam a veracidade de sua exclamação. Ele parecia não ver as pequenas cicatrizes, espalhadas na lateral esquerda de seu corpo. Tocou-a com reverência, conhecendo cada pedacinho de seu corpo, depois a beijou cada ponto acariciado, fazendo o caminho inverso até tomar

seus lábios para um novo beijo. Impaciente, as mãos de Mariana buscaram o zíper da calça de Micael ansiosa por senti-lo por inteiro, gemendo frustrada por não conseguir seu intento.

- Mica!

Micael afastou-se um pouco e completou a tarefa, retirando de uma só vez o jeans e a cueca boxer que vestia. Mariana gemeu outra vez, dessa vez impressionada com o tamanho e a força da sua masculinidade que se erguia poderosa de um tufo de pelos negros.

Micael deitou-se a seu lado e ela deixou sua mão vagar pelo torso poderoso, abdômen, quadris... até chegar a carne ereta e macia. Foi a vez de Micael gemer descontrolado.

- Deus!

Deitando-se por cima de Mariana, voltou a torturá-la com carícias cada vez mais ousadas. Mari não se conteve ao sentir os dedos longos tocando-a na cavidade latejante entre suas coxas, acariciando-a, espalhando a umidade que ali encontrara antes de beijá-la intimamente. O clímax chegou sem aviso, de forma eletrizante, levando seu corpo a convulsionar-se na cama enquanto palavras desconexas saíam de seus lábios.

Não percebeu que Micael levantava seus quadris de forma a tomá-la por inteiro. Somente ao sentir seu membro invadindo-a voltou a raciocinar com um pouco de clareza. Uma pontada de dor anuviando o prazer. Ele era tão grande que ela não tinha certeza se seria capaz de recebê-lo. Sentiu-se esticar por dentro e abriu os lábios em busca de ar e contorceu-se embaixo dele. Micael recuou, para avançar novamente ganhando alguns centímetros mais dentro de seu corpo.

- Mari...

O som de seu nome no gemido de Mica fez Mariana impulsionar-se para frente, recebendo-o por completo. A maravilhosa sensação de estarem unidos de forma tão íntima, emocionou-a. Maravilhada, acompanhou os movimentos de Micael, a dor sendo substituída por sensações maravilhosas ao trilhar com ele o caminho até o ápice do prazer. Com um grunhido de satisfação, Micael derramou-se dentro dela, envolvido pelas contrações de seu corpo em um novo clímax.

Com os olhos fechados, Mariana recebia os beijos suaves que Micael depositava em seu rosto, enquanto seu corpo estremecia levemente, resquícios do intenso gozo que a envolvera. Ronronou suavemente, feito uma gata, quando Mica acariciou o lóbulo de sua orelha.

- Está dolorida? – Perguntou em voz baixa e movimentando-se devagar.

Mariana negou com a cabeça, consciente de ainda abrigá-lo em seu corpo. Não protestou quando Mica girou o corpo, de maneira a apoiá-la sobre o seu corpo, aconchegada em seus braços.

- Bom... – Disse com voz rouca. – Porque não tenho a mínima vontade de afastá-la de mim.

Mariana aconchegou-se em seu peito, embalada pelo ritmo da respiração tranqüila e compassada de Micael. Não acreditou ser capaz de dormir depois das emoções que viveram, mas nem bem o pensamento escapou de sua mente, suas pálpebras se fecharam e mergulhou num sono reparador.

Micael despertou com o toque suave das mãos de Mariana passeando por seu rosto, os dedos traçando o contorno de seus lábios antes de beijá-lo tão suavemente quanto o bater de asas de uma borboleta. Teve que usar de todo seu autocontrole para manter-se imóvel, mas quando os lábios femininos desceram por seu tórax e sua língua brincou com seu mamilo achatado, seu corpo reagiu prontamente.

Mariana arfou ao sentir a força da sua rigidez. Buscou seus olhos e a alegria genuína que ali encontrou, fez seu coração bater mais depressa.

- Está tentando me seduzir?

- Sente-se seduzido?

Mariana mexeu os quadris, provocando-lhe um gemido, antes de beijá-lo apaixonadamente. O prazer de ter Micael de encontro a seu corpo, desejando-a, completando-a, apagando todas as lembranças tristes que povoavam sua mente. As mãos de Micael pousaram em seus quadris, embalando-a suavemente sobre o seu corpo.

- Completamente.

Micael endireitou o corpo, de maneira a ter livre acesso aos seios que se moviam livres a sua frente. Acariciou-os lentamente, deixando que o desejo fosse passo a passo sendo construído. Buscou o local onde seus corpos se uniam, e passou a acariciar o botão pulsante escondido, até que ouvi-la gemer enlouquecida.

Mariana o cavalgava instintivamente, buscando alcançar o prazer que seus corpos necessitavam. Choraminguou, quando a tensão tornou-se insuportável. Micael movimentava-se junto com ela, a força de desejo impulsionando-os cada vez mais rápido, mais forte até atingirem o ápice do prazer, entre gritos e gemidos no quarto escuro. Mais uma vez, deixaram-se ficar ali, abraçados, exaustos. O dia dera lugar à noite, sem que se dessem conta do passar das horas.

Naquele quarto o tempo havia parado para que se amassem. Ali, onde somente eles e suas emoções tinham vez, estavam alheios ao mundo lá fora. Além das portas daquele quarto, eventos que afetariam suas vidas estavam acontecendo. E talvez aquela fosse a primeira e última vez que se amavam.

Depois de algum tempo você aprende a diferença,

*a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.
E você aprende que amar não significa apoiar-se,
e que companhia nem sempre significa segurança.
([William Shakespeare](#))*

Capítulo X

- Não!

O grito de dor atravessou a casa e aportou como uma flecha no peito de Micael.

- Mari, por favor, acalme-se... – Mica a envolveu em seus braços.

Como podia se acalmar? Seu irmão havia sido seqüestrado enquanto estava no quarto, entregue ao prazer... esquecida de tudo que não fosse a paixão recém descoberta nos braços de Micael. Mais uma vez seu irmão estava sofrendo por sua culpa. Porque se deixara envolver por um homem a ponto de esquecer suas responsabilidades... Tudo que passara com Gilberto não havia servido para nada?

Mariana fechou os olhos e seus punhos se comprimiram de encontro ao peito de Micael. A sua volta, a sala girava. Havia descido a escada com um sorriso no rosto e se deparara com sua sala repleta de pessoas... Mica havia descoberto o maldito bilhete na cozinha. Curto, seco... informava sobre o seqüestro de Marcos. Natanael estava na sala. Havia recebido um telefonema de Mica e trouxe com ele a força policial. Acabara de contar o que a polícia estava fazendo para encontrar seu irmão, enquanto uma dor descomunal a envolvia. Seu irmão...

Uma torrente de lágrimas escorria por seu rosto. Mal ouvia as perguntas do policial ao lado de Nate. O que podia dizer? Que confiara seu irmão a governanta enquanto se divertia? Que Carmem, a bondosa senhora que a ajudara a superar a perda de seu pai, o difícil relacionamento com Gilberto e as seqüelas do acidente que sofrera era a pessoa que passava as informações de todos os seus passos para o canalha que queria matá-la?

Um medo terrível a envolvia. O que fariam com seu irmão? Ele era uma criança. Frágil, indefeso em sua cadeira de rodas... Imagens horríveis se formavam em sua mente. Gilberto nunca gostou de Marcos. Ele era um obstáculo para o seu plano. Se ele o ferisse... Sentiu o gosto de sangue e percebeu que mordia os lábios fortemente. Micael falava algo, mas ela não ouvia. Seus punhos o agrediam histericamente. Estava completamente fora de si.

Micael pegou a maleta de primeiros socorros das mãos do prestativo policial, depois de forçar uma relutante Mariana a sentar-se no sofá. Preparou a seringa e aplicou-lhe uma dose de calmante. Sua aparência frágil e transtornada o afetavam sobremaneira. Com ela nos braços, carregou-a para o pequeno quarto naquele mesmo andar. O quarto de Marcos. Depositou-a com cuidado sobre os lençóis azuis, a face pálida contrastando com o tecido escuro.

Embebeu um pedaço de algodão em água e passou com cuidado nos lábios feridos. Ela o olhava sem ver, o efeito do medicamento aos poucos a livrando da terrível realidade. Micael pegou suas mãos e seus olhos umedecerem-se. A força com que as unhas fincaram-se nas palmas havia cortado a pele, que se encontrava ferida. Limpou os ferimentos e aplicou uma pomada, antes de recompor-se e voltar para sala.

Natanael encarou o irmão e assustou-se com o ódio que seus olhos e sua fisionomia ostentavam. Micael sempre fora o mais alegre e afável entre os três irmãos. Nem mesmo quando Raquel o havia feito passar pelas portas do inferno pudera detectar um sentimento tão forte e assustador.

Mica passou pelo irmão sem parar. Natanael o seguiu, preocupado com seu o comportamento. Ele se dirigia para o carro e Nate correu para interceptá-lo.

- Onde pensa que vai?

Mica o encarou com um olhar transtornado. Suas palavras, quando falou, assustaram-no.

- Eu vou atrás desse infeliz. Vou encontrá-lo e vou matá-lo lentamente com minhas próprias mãos.

Deu-lhe as costas com a intenção de entrar no carro, mais foi impedido por um par de braços fortes. Natanael como bom advogado que era, preferia convencer as pessoas através das leis e das palavras. Mas como um legítimo Angelis, sabia usar a força física como ninguém quando era necessário.

- Não vai sair daqui. – Disse autoritário. – Não vai fazer nenhuma besteira.

- Me largue! – Mica protestou furioso.

- Isso não vai levar a nada! – Nate tentava fazê-lo raciocinar com clareza. – Não pode sair por aí, tentando fazer justiça com as próprias mãos.

Mica balançou a cabeça, a frustração envolvendo-o. Seu irmão tinha razão. Não podia sair pelas ruas do Rio de Janeiro procurando um bandido. Seria como procurar uma agulha no palheiro. Mas a impotência diante da situação extrema o deixava arrasado.

- Me sinto... Culpado - Disse por fim.

- Mica...

- Ela está sofrendo...

- Não é culpa sua.

- Se ao menos...

- Pare! – Nate gritou. – Não vai embarcar neste inferno outra vez.

- Não posso cruzar os braços!

- Então volte lá e fique junto a ela. – Nate disse. – Conforte-a... Mas não deixe o sentimento de culpa destruí-lo outra vez.

Sabia que ele estava falando de seu relacionamento com Raquel. Na época ele não pode prever que o algo que começara, casualmente, no pronto socorro do hospital onde fazia residência médica se tornaria um relacionamento complicado. Apesar de saber dos problemas em se envolver com uma paciente, ele fora uma presa fácil para a mulher mais velha e sedutora. Estava tão encantado que ficou cego para o que acontecia a sua volta.

Seus irmãos tentaram alertá-lo, mas isso somente fez com que investisse mais fundo no relacionamento destrutivo. Raquel tinha problemas sérios, estava se destruindo... e levando-o com ela ao fundo do poço. Veio a perceber que a mulher que dormia em sua cama e que praticamente vivia em sua casa, era viciada em drogas. E ele fornecia sem saber... os medicamentos que alimentavam seu vício.

Mica cerrou os punhos e seu rosto tenso demonstrava a luta que travava interiormente. Era diferente desta vez. Estava mais velho, mais experiente e principalmente... Mariana não era Raquel. Lembrar da mulher que transformara um período de sua vida numa sucessão sem fim de problemas, o levou a fazer um esgar de desgosto.

- Vai ser diferente desta vez. – Disse para o irmão, que o encarava.
– Farei com que seja.

Micael respirou fundo para voltar a casa e conversar com o delegado e o detetive que iriam investigar o caso. Não tinha certeza se conseguiria esperar passivamente que o irmão de Mariana fosse encontrado, mas tentaria. Sua precipitação, em ajudar Raquel, havia sido responsável pela overdose que quase a matara. Hoje pagava, literalmente, por seu erro.

As notícias não eram animadoras. O seqüestrador não havia feito contato além do bilhete na cozinha. Havia encontrado a residência de Carmem... abandonada. A polícia trabalhava com a informação dada por uma denúncia anônima sobre um cativo. Era questão de tempo encontrar o garoto.

Mas, quanto tempo? Mica perguntou-se enquanto observava Mariana que dormia profundamente. Em breve o efeito do remédio passaria, trazendo-a de volta a realidade cruel. Como confortá-la, se ele próprio não estava convencido de que as coisas seriam resolvidas e que Marcos voltaria para casa são e salvo?

Ligou para Madalena e pediu que fosse até sua casa em busca de roupas e outros artigos pessoais para que pudesse ficar ao lado de Mari todo o tempo. Precisava também que cuidasse de Lobo. O cão

que seu irmão lhe impusera, provavelmente sentia-se abandonado. Desligou o celular e passou a andar de um lado para o outro dentro do quarto.

A luminosidade do sol através da janela indicava uma manhã esplendorosa. Parecia um contra-senso que diante de notícias tão ruins o dia estivesse tão bonito. Fechou as cortinas envolvendo o quarto na penumbra. Pediu a Nate que o informasse caso tivessem qualquer notícia. Madalena em breve estaria ali. Por fim, exausto, deitou-se ao lado de Mariana disposto a descansar um pouco.

Mariana acordou sentindo-se protegida por dois braços fortes e o calor que a envolvia. Micael... Pensou, sem abrir os olhos, ainda envolvida pelo sono. Jamais poderia imaginar se entregar sem reservas a alguém. Poderia

ficar assim pra... De repente as lembranças terríveis em sua mente levaram-na a acordar totalmente e sentar-se abruptamente na cama.

O movimento despertou Micael que a encarou, totalmente desperto, esperando por uma reação. Estava disposto a confortá-la e mostrar que estaria ao seu lado em todos os momentos. Mariana desviou o olhar, passando a encarar um pôster da Ferrari que adornava a parede.

Seu irmão adorava corridas. Quase tanto quanto milk shake de chocolate. E sua alegria era contagiante. Nem mesmo o acidente de carro fora capaz de tirar isso dele. Precisava encontrá-lo! Precisava consertar a bagunça em que transformara suas vidas.

- O que está fazendo aqui?

A pergunta feita em tom frio surpreendeu Micael. Aquela não parecia Mariana. Onde estava a pequena fera que lutava com unhas e dentes pelo que acreditava?

- Cuidando de você. – Disse simplesmente.

- Eu quero que vá embora.

- Não pode estar falando sério! – Micael segurou o seu braço.

Mariana desvencilhou-se e, pondo-se de pé, caminhou até a janela.

- Estou. – Disse lutando contra as lágrimas. - Quero que vá embora Micael.

- Mari... - Micael levantou-se.

- O que aconteceu entre nós... – Disse interrompendo-o. -... foi um erro.

- Não. – ele se aproximou.

- Vá embora...

- Não... eu não vou.

- Não pode ficar aqui. – Mariana disse, estremeando ao sentir o calor de seu corpo, tão próximo ao seu.

- Posso e vou. – Mica disse resolutamente. – Não vou me afastar de você.

- Mas eu preciso que se afaste! – Mariana suplicou. – Não entende? Se eu... se nós... não estivéssemos juntos...

- Pare. – Disse Micael, segurando-a pelos ombros. – Não faça isso...

- Eu nem me preocupei...

- Não foi culpa sua. – Virou de frente pra ele e forçou-a a encará-lo. – Está me ouvindo? Não foi culpa sua.

- Mas o Gilberto...

- É um canalha que quis se aproveitar de você.

- Ele levou meu irmão...

- Nós vamos encontrá-lo. – Micael afirmou. – A polícia já está procurando...

Interrompeu-se ao vê-la mover a cabeça negativamente.

- Ele vai matá-lo! – A frase saiu em meio a um gemido de dor.

- Não se torture assim. – Mica pediu acariciando o rosto marcado de lágrimas.

Mariana não se afastou. No fundo sabia que não teria forças para fazê-lo. Como se afastar da única coisa boa que acontecera em sua vida durante muito tempo? Seria melhor que ele se afastasse, mas como fazê-lo entender? Ela era culpada por todas as coisas ruins que aconteceram. Entendia agora que Nate estava certo em querer

vê-la longe do irmão. Ela era um imã para coisas ruins. As pessoas ao seu lado saíam machucadas...

Não era justo condenar Micael ao inferno que se tornara sua vida. Por que aquilo não iria acabar. Aconchegada entre os braços fortes, suspirou desalentada. Ela deveria ter morrido naquele acidente, mas o destino conspirara a seu favor e agora... Gilberto não sossegaria enquanto ela não estivesse totalmente destruída.

O toque estridente do telefone a fez pular assustada. No mesmo instante uma batida na porta precedeu a entrada de Nate e do delegado César Gusmão que lhe estendeu o aparelho sem fio e pediu.

- Tente fazê-lo falar o máximo de tempo.

Mariana assentiu. Suas mãos tremiam ao segurar o telefone. Mica a segurou forte junto ao corpo e então ela percebeu que todo o seu corpo tremia.

- A... Alô?

- *Olá, princesa!*

- Gilberto?

- *Eu mesmo, Princesa! – Ele confirmou com voz extremamente doce.*

- *Sentiu saudades?*

- Eu... pensei que você estivesse...morto.

- *Teria sido bem melhor se você continuasse acreditando nisso! – O tom de Gilberto tornou-se rapidamente frio. - Não devia ter me traído, princesa.*

- Do que está falando... eu...

- *Não se faça de inocente! Eu vi vocês dois juntos. – Ele gritou furioso. – Como dois animais no cio!*

- Oh, meu Deus! – Mariana respirou fundo tentando espantar a onda de pânico que ameaçava engolfá-la. – Gilberto...

- *Livre-se dele, princesa. – Ele disse rapidamente como se estivesse apressado. – E livre-se da polícia também... Ou não vai voltar a ver seu irmão.*

- Não... Espera! – Gritou.

Mas foi inútil. Gilberto já havia desligado. Atordoada ficou fitando o aparelho como se pudesse fazê-lo tocar outra vez.

- Filho da mãe! – César explodiu. – Desligou antes que pudéssemos conseguir uma informação mais precisa.

- Pode estar escondido em qualquer lugar do Rio de Janeiro. – Nate suspirou.

- Não. – A voz de Mariana traduzia o seu pânico. - Está aqui perto...

- Não há como...

- Mariana está certa. - Micael disse. – Gilberto sabe que estamos aqui.

- Você ouviu? – Mariana buscou seus olhos. – Pensar que nos observou...

Micael a abraçou forte, tentando acalmá-la. Entendia seus sentimentos. Aquele homem falara como se houvessem feito algo... sujo. Um pensamento instalou-se em sua cabeça.

- Mari. – Sentou-a na beira da cama e tomou-lhe a mão nas suas. – Minha linda, olhe pra mim.

Mariana o encarou, os sentimentos estampados em seu rosto.

- Preciso que pense... Existe algum lugar na propriedade onde uma pessoa poderia se esconder?

*A Esperança não murcha, ela não cansa,
Também como ela não sucumbe a Crença.
Vão-se sonhos nas asas da Descrença,
Voltam sonhos nas asas da Esperança.
(Augusto dos Anjos)*

Capítulo XI

O velho depósito de ferramentas ficava nos limites da propriedade. Resumia-se a um cômodo de dois metros quadrados com um banheiro adjacente. Antes havia sido um alojamento para o jardineiro, mas com o tempo passou a ser usado como depósito para toda a sorte de ferramentas.

O delegado Gusmão montou um plano de ação em conjunto com o comandante do esquadrão anti-sequestro da polícia. Mica e Nate foram proibidos de envolverem-se no resgate que aconteceria mais tarde e aconselhados a manterem-se fora do caminho. O que não foi tão difícil.

Madalena chegou pouco depois do telefonema. Trazia uma mochila com os pertences de Micael em uma mão e na outra, sanduíches variados. Imaginou que não haviam se alimentado, no que estava correta, e que estariam com fome, no que se enganou. Um nó travava a garganta de Mariana e o pensamento de comer alguma coisa lhe causava náuseas. Micael estava agitado demais para pensar em comida. Alguns policiais aceitaram o alimento e também o delegado Gusmão. Madalena estava preparando mais um bule de café para servi-los quando Nate entrou na cozinha.

- Certas coisas não mudam nunca.

Madalena esforçou-se para conter as emoções que aquele homem lhe provocava. Havia tanta mágoa entre eles, que várias vezes se perguntara como pudera amar aquele homem. Madalena o ignorou, mas isso não foi empecilho para que Nate despejasse o seu veneno.

- Basta Micael estalar os dedos e você vem correndo...

Madalena não retrucou. Sabia que era isso que Nate esperava que fizesse.

- O que foi? – Nate provocou. – Não vai argumentar?

- Seria perda de tempo. – Lena nem mesmo virou-se para responder.

– Tentar fazê-lo entender o que existe entre Micael e eu... seria o mesmo que ensinar um elefante a voar.

- Sei muito bem o sentimento que “une” vocês.

- Tenho certeza que sabe. – Lena observou tranqüilamente, enquanto terminava de arrumar a bandeja.

Nate observou-a pegar a bandeja e encaminhar-se tranqüilamente para a sala e aquilo o intrigou. Madalena não gritou, não tentou agredi-lo. Parecera... indiferente. Seguiu-a e passou a observar seus movimentos como um animal que vigia sua presa.

Micael estava sentado em uma poltrona estofada com Mariana alojada em seu colo. Madalena serviu-lhe café e foi recompensada com um sorriso agradecido. Micael cochichou-lhe algo e ela sorriu abertamente. Logo depois, serviu café a César que agradeceu efusivamente, sem ao menos disfarçar seu interesse na linda ruiva. Incomodado, Nate voltou à cozinha.

Pouco tempo depois os carros de polícia deixaram a propriedade. Fazia parte do plano elaborado pelo esquadrão anti-sequestro, deixar Gilberto acreditar que Mariana acatava suas ordens. Nate e Micael também sairiam da propriedade, mas, ao contrário da polícia, eles não voltariam.

Fora difícil Micael concordar em deixar Mariana sozinha. Nem toda a sensata explicação do delegado Gusmão, o fato de concordar que era um bom plano ou saber que Lena ficaria na mansão, conseguiam deixá-lo menos tenso. Mariana também estava tensa e ele pode perceber isso quando ela deixou escapar...

- Se algo der errado... – Mariana murmurou.

Micael levantou seu queixo até seus olhos se encontrarem. Queria ter o poder de extinguir o medo estampando ali. Queria ter o poder

de controlar o destino...

- Vai dar tudo certo.

Micael a abraçou e beijou-a delicadamente nos lábios. O toque, suave como o bater de asas de uma borboleta, emocionou-a. Deixou-se embalar pelo homem forte e carinhoso, até ouvirem a voz de Natanael.

- Vamos, Mica.

- Tenho que ir. – Micael sussurrou de encontro a seus lábios. - Prometa que vai ficar bem e que não vai se expor ao perigo.

- Vou tentar.

Micael tornou a roçar os lábios nos seus, antes de depositá-la no sofá e acompanhar o irmão. Decidiram ir até a casa de seus pais, porque ficariam mais próximos para voltar no momento em que a polícia permitisse. Pouco falaram durante o trajeto. Ao chegarem, encontraram seus pais acompanhados. Micael estranhou ao ver o irmão.

- Gabe, aconteceu alguma coisa?

- Eu não sei... – Gabe parecia não encontrar as palavras que definissem os seus pensamentos. – Tive a sensação de que algo ruim vai acontecer.

- Um pressentimento? – Nate falou em tom de zombaria.

- Cala a boca, Nate. – Mica pediu ignorando-o e concentrando-se em Gabriel. – Me diga o que...

- Não sei. – Gabe apressou-se em dizer. – Mas quis vir para ter certeza de que está tudo bem.

- A polícia vai resgatar o garoto. – Nate explicou. – Acreditam que está em um depósito dentro da propriedade.

- E onde estão Lena e Mariana? – Foi Rafael quem perguntou.

- Elas ficaram. – Mica murmurou perturbado. – Vou voltar lá.

- Não, não vai. – Nate falou. – A polícia tem um plano...

- Vou com você. – Gabe interrompeu o discurso de Nate.

- Obrigado. – Mica fitou o irmão.

- Lá vamos nós outra vez! – Natanael suspirou.

Estavam de saída quando ouviram o pedido da mãe.

- Tomem cuidado, crianças.

Rafael tomou a mão da esposa entre as suas. Os olhos de Serena espelhavam preocupação. Beijou-a com carinho.

- Eles ficarão bem. – disse. – Não são mais crianças.

- Alguns dias deixarão de nos preocupar?

- Não. – Rafael informou com um sorriso. – Que tal um chá de Camomila?

- Desculpe amor... – Serena disse, nervosa. – Mas prefiro uma dose de uísque.

Apesar do momento tenso, Rafael não pode deixar de sorrir. Aquela era a sua Serena. Serviu-lhe uma generosa dose de bebida e providenciou uma dose para si próprio. A noite prometia ser longa.

Gabriel entrou no carro com os irmãos, depois de ter ido até o seu carro. Nate observou o irmão com a cara amarrada, antes de perguntar.

- Está armado? - Bateu no volante ao ver o sinal afirmativo. – Você não é capaz de matar uma mosca!

- Desde que eu me vi na mira de uma louca... - Gabe suspirou. – Bem, isso não tornará a acontecer.

- Carolina sabe...

- Ela também tem uma arma. – Gabe explicou. - Lena está ensinando-a a atirar.

- Deus nos ajude! – Micael murmurou.

Pensar na sua atrapalhada cunhada, grávida de gêmeos, aprendendo a atirar...

- Me espanta ela não ter vindo... – Nate não poupou o sarcasmo.

- Ela queria vir, mas eu a convenci a ficar em casa.

- Nate, Gabe... se vocês puderem deixar a conversa para depois...

Em comum acordo eles silenciaram. Nate passou a prestar atenção ao trânsito, enquanto Micael, tenso, somente pensava em chegar logo a residência de Mariana. No momento em que estacionaram, perceberam que havia algo errado. A quantidade de policiais em frente à mansão evidenciava o fracasso do plano. Micael rezou para que não houvesse ocorrido nenhuma desgraça.

Mariana atravessava a sala pela milésima vez, quando ouviu o suspiro impaciente de Lena.

- Querida, você está me deixando tonta.

Observou a delicada ruivinha sentada no sofá, com as pernas cruzadas, como se nada estivesse acontecendo do lado de fora. Ela tinha uma arma de fogo carregada a seu lado enquanto, tranqüilamente, lixava suas unhas.

- Desculpa. - Mariana sentou no sofá. – Estou nervosa.

- Estou vendo.

- É que o Gilberto...

- Vai ter o que merece. – Lena falou.

- Espero que sim. – Mariana suspirou.

- Que tal um chá? – Lena sugeriu. – Vou preparar um calmante para nós.

Mariana observou-a se afastar em direção a cozinha. Madalena não parecia nervosa... Ou então, conseguia disfarçar bastante bem. Apertou as mãos e gemeu. As feridas não haviam cicatrizado. Foi até o quarto de Marcos em busca da pomada com que Micael tratara os ferimentos um pouco mais cedo.

Abriu a porta e encaminhou-se diretamente para a cômoda ao lado da cama. Um arrepio percorreu seu corpo ao ouvir a porta sendo fechada. Não foi preciso voltar-se para saber que não estava sozinha e ou para reconhecer de quem era a voz que lhe saudou.

- Enfim sós... Princesa!

Devagar, Mariana encarou o homem por quem um dia acreditara-se apaixonada. O homem a sua frente nada tinha do belo sedutor que conhecera. Em vez de ternos caros e bem talhados, vestia um jeans

surrado e a camiseta estava suja de sangue. Seus olhos exibiam um brilho quase tão perigoso quanto a arma apontada em sua direção.

- Gilberto.

- Eu mesmo, princesa. – Gilberto se aproximou e a segurou pelos cabelos. – Ficou realmente horrível!

Mariana encolheu-se como se houvesse levado um tapa. A cicatriz... claro que seria a primeira coisa que Gilberto iria notar. Fechou os olhos e lembrou-se de Micael. Ele não a considerava horrível.

- Mas isso não importa entre os lençóis, verdade? - Rapidamente soltou seus cabelos e antes de rasgar sua blusa, expondo seus seios.– Talvez eu devesse experimentar...

Mariana não pode evitar o asco que a sugestão lhe causava. Tentou desviar o assunto.

- O que está fazendo aqui, Gilberto?

- Você foi uma menina má, princesa. – Gilberto, tornou a segurar seus cabelos, agora mais fortemente, levando-lhe lágrimas aos olhos. – Mandar a polícia me caçar como a um animal... que feio!

Gilberto passava a arma por seu rosto numa carícia aterrorizante.

- Marcos... – Perguntou com voz trêmula. – Onde está o meu irmão?

- O moleque está bem... A polícia o resgatou sem nenhum arranhão.

– Gilberto falou com escárnio. – Não podia me livrar da galinha dos ovos de ouro, certo?

- Oh, meu Deus! – Lágrimas de alívio somaram-se a seus olhos.

- Você... bem, não será difícil me livrar de você. – Disse encarando-a. – Mas, antes... temos negócios inacabados.

- Ne...negócios?

- Somos noivos, vamos nos casar!

Gilberto riu e Mariana desesperou-se. Aquilo não podia estar acontecendo.

- Gilberto... Não pode estar falando sério. – Mariana ofegou. – Acha que vou casar com você?

- Não tem escolha, princesa. – Gilberto a fez encará-lo. – Os papéis estão prontos... Vamos nos casar. – Afirmou.

- Não... - Mariana gemeu.

- Sim... - Ele zombou. - Vai assinar os papéis da nossa união, assim como vai assinar os papéis me transferindo a guarda do moleque.

- Não! - Mariana gritou desesperada.

- Chega! - Gilberto rosnou tal qual uma fera. - Agora, vamos! – Gilberto a posicionou em frente a seu corpo, usando-a como escudo, e com a arma apontada para sua cabeça ordenou. – Abra a porta.

Mariana obedeceu e respirou aliviada ao encontrar a sala vazia. Rezou para que Madalena ainda estivesse na cozinha e que Gilberto não lhe fizesse mal. Infelizmente, parecia que Deus não estava ao seu lado àquela noite. Com o revolver em punho, Lena os observava da porta da cozinha.

- Solte a arma e dê o fora daqui. – Gilberto ordenou.

O rosto de Mariana estava tenso e marcado por lágrimas. A blusa rasgada e a forma como Gilberto a segurava pelos cabelos demonstravam a violência de que era capaz. Não a deixaria Mariana sozinha.

- Não. – Lena balançou a cabeça.

- Lena... vá! Por favor! – Mariana pediu. Não queria que nada de ruim acontecesse à moça. Não suportaria que mais alguém sofresse por sua causa.

Pensou em Micael. Ele provavelmente tentaria resgatá-la. Pensou em Marcos. Não podia deixar que o irmão fosse parar nas mãos daquele canalha. Não poderia permitir isso. Não podia pô-los em risco... Céus, se houvesse uma maneira de evitar que os planos de Gilberto fossem adiante...

- Mariana...

As palavras de Madalena se perderam em meio à balbúrdia que se instalou do lado de fora. Carros de polícia posicionaram-se diante a residência, deixando Gilberto irritado e furioso. Ele passou a desfiar improperios contra tudo e contra todos. Madalena não ouvia.

Encarava Mariana lendo em seus lábios o pedido para que cuidasse de seu irmão...e de Micael.

- Escuta aqui, boneca! – Gilberto encarou Madalena. – Você vai sair daqui agora! – gritou. – E avise aos tiras... que qualquer movimento deles, ela morre.

Lena encarou Mariana. Talvez fosse apenas imaginação sua, mas sentia que ela estava prestes a fazer uma bobagem. Ficou em dúvida sobre o caminho a seguir. Deveria obedecer a ordem de Gilberto?

Mariana assentiu fechando os olhos para não fraquejar. Doía saber que não mais poderia ouvir seu irmão falar de corridas ou vê-lo deliciar-se com um milk-shake de chocolate. Doía saber que não mais sentiria o calor do corpo de Micael ou o sabor de seus beijos.

Mas não podia deixar-se abater naquele momento. Precisava ter certeza de que Gilberto não poderia feri-los. Se as pessoas que amava estivessem bem, não se importaria em morrer aquela noite. Sua morte resolveria todos os problemas... Gilberto não poderia apossar-se do que restava de seus bens e nem da herança de seu irmão.

Ele não viveria muito tempo se não conseguisse pagar sua dívida com os traficantes. Uma calma profunda tomou conta de Mariana. Sabia o que tinha que fazer e o faria. Só queria ter tido tempo de dizer a Micael que o amava. Esperava que um dia ele entendesse e perdoasse sua decisão. Sim, pois preferia morrer a casar com aquele monstro.

*"Aquilo que se faz por amor,
parece ir sempre além dos limites
do bem e do mal."
([Friedrich Nietzsche](#))*

Capítulo XII

- César! – Nate chamou.

O policial veio até onde os trigêmeos se encontravam, sem disfarçar a contrariedade.

- O que estão fazendo aqui?

- Não conseguimos ficar longe. – Micael informou. - O que aconteceu?

- O cara é escorregadio como quiabo, ou então tem sete vidas, como um gato. – César falou irritado. – Conseguimos resgatar o garoto...

- Mas? – Gabe instigou. A quantidade de policiais posicionados em frente à mansão atestava a existência de um "mas" naquela sentença.

- Ele está na mansão.

Micael deu um passo à frente. Gabe praguejou em voz baixa. Nate, nem um pouco contido, xingou em alto e bom som.

- Eu vou buscá-las.

Micael falou e ato contínuo se encaminhou para a mansão. Foram necessários dois policiais, o delegado e os gêmeos para contê-lo. Em seu desespero, Micael não media as conseqüências que seus atos poderiam trazer. Em seu íntimo, culpava-se por ter concordado com o plano da polícia e ter se afastado de Mariana. Ela já havia sofrido tanto! Precisava entrar lá e verificar que ela estava bem... Não percebeu que boa parte dos seus pensamentos foram expressos em voz alta, até Gabe sacudi-lo.

- Pare! – Gritou. – Por favor, meu irmão... Não é só você que está preocupado.

Micael encarou o irmão e percebeu-o transtornado. Olhou para Nate e notou que seu irmão estava tão angustiado quanto ele. Madalena estava lá dentro... Antes que pudesse dizer qualquer coisa, a voz de um dos homens do batalhão especial soou.

- Tem alguém saindo da casa!

Sentimentos contraditórios tomaram de assalto o coração de Micael ao ver Madalena, visivelmente transtornada, aproximar-se. Alívio por ver sua "irmãzinha" salva e decepção por não ser Mariana a mulher que vinha em sua direção. Lena jogou-se em seus braços e entre soluços e lágrimas copiosas, tentou explicar as exigências de Gilberto.

- Ele quer... casar com ela! – respirou, buscando fôlego. – Quer a polícia longe daqui... e Mariana...Oh, Micael...eu acho que ela vai...vai acabar fazendo alguma bobagem...

- Lena... – Micael começou.

- Ah, Mica... – Madalena choramingou. – Me perdoe!

- Shhh... - Micael tentou acalmá-la. – Não é culpa sua.

- Mas e se Mariana...

- Não vai acontecer nada. – Micael disse categórico. – Vamos tirá-la de lá.

Nate não disse nada. Podia explicar ao irmão que pessoas sob pressão podiam tomar atitudes inesperadas. Mas debatia-se entre o alívio de ver Madalena bem, a raiva por vê-la atirar-se nos braços de Micael e a preocupação com seu irmão, no caso das coisas acabarem mal. O tempo corria sem piedade. Ansiosos os irmãos aguardavam, enquanto o grupo de resgate da polícia montava uma estratégia para invadir a mansão. Enquanto isso, Gilberto surpreendia mais uma vez.

- Vamos! – Gilberto ordenava ao mesmo tempo em que a arrastava pelos cabelos. – Chegou o grande dia, Princesa!

Saiu por uma porta que dava para os fundos da casa, o revólver engatilhado em sua testa eram a garantia de Gilberto. Mariana percebeu que o monstro do seu ex-noivo a arrastava para o interior

da propriedade, exatamente para o velho depósito de ferramentas onde passara tanto tempo escondido.

Mariana começou a rezar para que os policiais não tivessem deixado o local sem vigilância. Se Gilberto fosse capturado, Marcos e Micael estariam salvos! Suas esperanças desmoronaram ao perceber que o local estava deserto. Fez a única coisa que se imaginou capaz no momento. Gritou.

- Vadia!- Gilberto tapou sua boca, torcendo seu braço para trás impingindo-lhe dor.

Mariana mordeu a mão em sua boca com fúria, parando somente ao sentir o gosto de sangue. A reação de Gilberto foi imediata.

- Vagabunda! – Deu com a mão que sangrava em seu rosto, deixando-a tonta. – Acredita que pode se defender de mim?

Arrastou-a cabana adentro e jogou-a por sobre um colchão puído, apoiado em estrados de madeira. O ambiente era iluminado por antigos lampiões a gás, que deixavam no ar o odor ocre de fumaça. A violência com que foi jogada fez com que batesse a cabeça na parede e por um momento temeu perder a consciência. Gilberto pegou um fio largado no chão e amarrou seus pulsos, prendendo-os a um gancho na parede, utilizado provavelmente para guardar ferramentas.

- Pode ser que eu não consiga sair dessa, princesa. – Gilberto disse em tom totalmente desprovido de emoção. – Mas antes terei o que você me negou durante tanto tempo...

Mariana ficou semi-erguida na cama, a blusa rasgada e agora manchada de sangue, deixando seus seios expostos à lascívia do monstro a sua frente. O medo a invadiu ao perceber-lhe as intenções. Covarde, pensou decidida a não se entregar sem luta. Quando ele aproximou-se com a intenção de tocá-la, Mariana cuspiu em seu rosto. O tapa ecoou no aposento vazio. Mariana começou a xingar-lhe por todos os nomes horríveis que sabia, chutando-o a cada tentativa de aproximação.

Um dos chutes de Mariana acertou seu braço e o que o fez derrubar um dos lampiões. Em sua loucura, Gilberto não percebeu.

Amordaçou-a e subiu na cama de maneira a prender suas pernas. A cabeça de Mariana girou com mais um tapa e lágrimas deslizaram por sua face ao perceber que não havia escapatória. Percebeu que Gilberto puxava sua calça jeans para baixo e ainda tentou fazer um movimento para impedi-lo, mas estava esgotada, física e emocionalmente.

Um estrondo a fez perceber que parte do teto ruía. Olhou para cima e implorou a Deus que a deixasse mergulhar na escuridão profunda da inconsciência. Talvez houvesse desmaiado ou apenas se ausentado de si mesma por alguns poucos segundos, pois não sabia o que tinha acontecido. Mas algo havia acontecido. Não escutava a voz de Gilberto e não conseguia vê-lo.

Havia fumaça e o calor fazia seu corpo arder como num estado de febre. O odor fétido invadia suas narinas e fazia seus olhos lacrimejarem. Sentia em sua boca o gosto amargo de sangue. Não podia se mexer. Sua cabeça estava presa a algo e seu corpo comprimido de uma forma que era difícil respirar.

Não sentia dor. Deus! Queria sentir dor para ter certeza de que estava viva e que aquilo tudo era um pesadelo. Onde estava a dor? Piscou, numa tentativa inútil de ver além da escuridão que a envolvia como um véu escuro e pesado.

O barulho ensurdecedor feriu seus ouvidos. Pessoas gritando e caminhando a sua volta. Alguém se aproximou. Luzes piscavam de forma contínua e entre os flashes conseguiu enxergá-lo. Os olhos azuis encontraram os seus e ela teve certeza. Deus enviara um anjo para lhe salvar.

Micael ouviu um grito, vindo de longe, poucos segundos antes da polícia invadir a mansão. Seu coração reconheceu o pedido de socorro e passou a bater desgovernadamente, enquanto a adrenalina invadia seu corpo.

- O que há daquele lado? - Perguntou a ninguém em especial.
- O depósito de ferramentas. - Madalena respondeu.
- Vamos. - Ele disse aos irmãos sem ao menos explicar a necessidade premente de correr para aquele local.

Vendo os três dispararem na mesma direção, Madalena procurou o delegado César e informou o destino dos trigêmeos. César enviou um grupo de policiais em uma viatura para encontrá-los enquanto o outro grupo invadia a residência. Micael corria em direção ao depósito, uma urgência impelindo-o a agir. A poucos metros do imóvel ouviram a explosão e a fumaça que escapava pelo telhado destruído.

- Oh, meu Deus! – Gabe murmurou enquanto ouvia os policiais estacionarem ao lado deles.

Alguém ligou para o corpo de bombeiros, mas Micael não esperou pelo resgate. Desvencilhando-se dos irmãos que tentavam contê-lo entrou no recinto enfumaçado. O canto do depósito de ferramentas onde havia um botijão de gás estava destruído. Micael supôs que a explosão que escutara fora a explosão deste que havia provocado o fogo e a fumaça. Sentiu seus olhos arderem e procurou por Mariana. Entre os flashes de luz lançados pela viatura de polícia, viu um par de pernas estendido no chão. Gilberto. Aproximando-se teve que conter a ânsia de vômito que o tomou de assalto. Um pedaço da laje havia caído sobre sua cabeça, esmagando-a. Desviou seus olhos da cena repugnante e foi então que a viu.

As pernas brancas apareciam sob escombros da laje. O corpo semi suspenso pressionado junto à parede, protegido por uma peça de madeira que caíra atravessada na cama evitando que pedaços de laje a atingissem. Os braços estendidos acima do corpo, deixavam a mostra o busto despido e manchado de sangue.

Ouvia os gritos do lado de fora e sabia que outras pessoas entravam no aposento para auxiliá-lo. Enquanto proferia uma prece silenciosamente para que Mariana estivesse viva, retirou sua camisa e aproximou-se cobrindo o seu corpo, e logo depois se aproximou para desamarrar seus pulsos. No momento em que ela abriu os olhos e o encarou, Micael sentiu seus olhos marejarem. Mariana desmaiou outra vez, o que foi bom, pois o trabalho dos bombeiros para removê-la foi difícil e demorado. Durante todo o tempo Micael recusou-se a sair de perto de Mariana. Todos os seus conhecimentos

médicos não lhe valiam de nada naquele momento, mas queria ter certeza de que ela ficaria bem.

Seus irmãos e Madalena seguiram para o hospital, quando ele acompanhou uma inconsciente Mariana na ambulância do resgate. O médico que a atendeu, Jorge Diniz, era conhecido de Micael e permitiu, um pouco a contragosto, que ele acompanhasse-a durante o atendimento. Respirou aliviado quando constataram que na sua maioria os ferimentos eram superficiais, sendo uma pancada na cabeça e o grande corte na coxa esquerda, que recebeu vinte e cinco pontos, os piores ferimentos.

Horas se passaram e a preocupação de Micael aumentou por Mariana permanecer tanto tempo desacordada. Havia um enorme galo em sua cabeça, o que poderia indicar uma concussão. Quando a única coisa a fazer era aguardar que Mari acordasse, Micael foi até a sala de espera encontrar com seus irmãos.

- E então? – Nate perguntou assim que o viu.

- Um corte na perna e uma pancada na cabeça foram os piores ferimentos. – Mica explicou. – Ela vai ficar bem.

- Graças a Deus! – Madalena suspirou.

- Mas ela ainda não recobrou a consciência. - Micael expressou sua preocupação.

Um silêncio preocupado os envolveu, até que Gabe falou.

- Talvez ela não queira acordar.

- Como? – Mica encarou o irmão.

- Não sabemos exatamente o que ela passou nas mãos daquele canalha... – Gabe explicou. – Talvez, ela não queira voltar para uma realidade tão... horrível.

- Ele não chegou a... - Mica respirou fundo, antes de continuar. – Não abusou dela sexualmente.

Madalena estremeceu quase imperceptivelmente e Nate respirou fundo.

- Um abuso psicológico também é terrível. – Gabe disse. – Talvez ela tenha medo de acordar.

- Ela não precisa ter medo. – Micael disse determinado.
- Então diga a ela. – Foi Madalena que falou. – Talvez ela precise de um motivo para acordar... Talvez ela precise ouvir que tudo está bem.
- Vou fazer isso. – Disse esperançoso. – Deus! Esqueci do Marcos!
- Não se preocupe. A assistente social o levou para minha casa. – Gabe sorriu. – Carolina ficou mais que feliz de poder ajudar em alguma coisa.
- Como ele está?
- Um pouco assustado com o que viu... – Nate foi quem falou. - Gilberto atirou na própria mãe quando ela tentou defender o garoto. Ela não resistiu aos ferimentos.

Micael assentiu e tentou absorver as informações. Como um homem era capaz de atirar na própria mãe? Despediu-se dos irmãos, agradecendo-os por ficarem ao seu lado, e retornou para o quarto do hospital. As palavras de Madalena ecoavam em sua cabeça quando se sentou a beira da cama e tomou as mãos de Mariana entre as suas. *"Diga a ela...um motivo para acordar...que tudo está bem"*.

- Mari, minha linda! Quer me deixar de cabelos brancos? Não me assuste mais desse jeito... Você já me faz falar sozinho e agir feito um adolescente... Na verdade não me importo, desde que você acorde. Já posso ver você comigo, em minha casa... Eu, você e Marcos, juntos como uma família... temos um cachorro também...cortesia de Gabe, para que eu aprendesse a cuidar de alguém...a amar...O que ele não sabe é que eu me apaixonei no momento em que você me enfrentou no escritório, seus olhos brilhando entre seus cabelos... Quero voltar a ver seus olhos brilhando ao me desafiar... quero a minha pequena fera de volta... Mariana, acorde, por favor.

Um silêncio profundo se seguiu às palavras de Micael. Ele balançou a cabeça, conformado. Não acreditava realmente que ela acordaria simplesmente por ouvi-lo. Mas não desistiria. Tentaria novamente e outra vez até que ela entendesse que não podia abandoná-lo. Um

movimento quase imperceptível entre seus dedos o fez olhar para Mariana. Ela abriu os olhos lentamente e sorriu ao vê-lo.

- Micael... - Murmurou baixinho. - Meu anjo!

*Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta e no alto subi.
Teci um tapete floreado e no sonho me perdi.
(Cora Coralina)*

Capítulo XIII

O dia quente e ensolarado parecia um prenúncio de coisas boas. Uma semana havia se passado desde que o seqüestro de Marcos terminara de maneira trágica. Mariana aguardava ansiosa o momento em que receberia alta do hospital. Uma leve infecção respiratória a fizera ficar mais tempo internada. Parecia-lhe que passara grande parte dos últimos meses dentro de hospitais, o que explicava o seu desejo de sair dali o mais rápido possível. Sabia que a partir do momento em que saísse do hospital, teria uma nova vida! Quase não vira Micael nos últimos dias, apesar de suas constantes visitas ao hospital. Muitas vezes estava dormindo ou rodeada pela família Angelis que a mimava absurdamente. Carolina e Gabe eram os que mais a visitavam, muitas vezes acompanhados de Marcos que se recuperara rapidamente do trauma sofrido. Ao que parecia, Carmem, apesar de ser cúmplice do filho, protegera seu irmão o máximo possível.

Também Rafael e Serena a haviam visitado, e fora maravilhoso escutar as histórias da infância e adolescência dos trigêmeos, de como Madalena era amada como uma filha e o quanto aquela família

se amava. Lena, além de visitá-la diariamente, estava trabalhando arduamente junto aos advogados da empresa. A coletiva para o lançamento dos novos produtos estava marcada e Madalena estava mais do que pronta para enfrentá-la. Até mesmo Nate havia ido visitá-la. Ele abriu alguns processos para que pudesse reaver ao menos parte dos seus bens. Mariana nunca assinara tantos documentos em sua vida... mas não se importava. Confiava em Nate, apesar da desconfiança inicial que ele lhe dedicava. Confiava em todos os Angelis, mas principalmente em Micael.

Sentiu seu coração encher-se de esperança ao lembrar as palavras sussurradas baixinho. Não conseguia lembrar-se de tudo, mas queria acreditar que o ouvira falar em formar uma família. Seria possível que Micael desejasse realmente ficar ao seu lado? E se era assim, porque ele a estava evitando? Por que não passava mais do que poucos minutos no quarto em que estava internada e só a visitava quando havia mais alguém no quarto? As perguntas se avolumavam em sua mente, e a espera por respostas a deixava ansiosa.

Uma leve batida na porta precedeu a entrada do objeto dos seus pensamentos. Micael estava lindo em seu jeans escuro e blusa branca. Definitivamente o tipo de homem que faria uma mulher olhar duas vezes em sua direção. Seus olhos se encontraram e a temperatura do quarto subiu perceptivelmente. Mariana desejou estar usando algo diferente da insípida camisola de hospital.

- Bom dia!

Micael disse com um sorriso que a atingiu em cheio. Antes de aproximar-se e depositar um beijo rápido e suave em seus lábios. Rápido demais na opinião de Mariana que o observou afastar-se. Sem encará-la, depositou um pacote pequeno a seu lado na cama.

- Micael?

- Tem uma roupa sua aí dentro. – Disse algo como impaciente. – Assim que estiver pronta, podemos ir embora.

- Mas o médico...

- Já assinou sua alta. – Mica explicou. – Precisa de uma enfermeira?

- Não... – Mariana tentou olhar em seus olhos, antes de suspirar resignada. – Eu... consigo me virar sozinha.

Micael percebeu que ela esperava que ele dissesse algo, mas manteve-se calado. Observou-a dirigir-se ao banheiro, movimentando a perna machucada com passos curtos e fechou os olhos, impotente. Podia ter dito a Mariana que assinou um termo de responsabilidade e que prometera ao doutor Diniz que cuidaria dela. Podia explicar que a cada vez que a observava naquela cama de hospital uma nova onda de culpa o assolava.

Mais uma vez fora responsável por uma quase desgraça na vida de uma mulher. Havia prometido a Mariana cuidaria dela e que nada de mal iria lhe acontecer. E a deixara sozinha... um barulho as suas costas anunciou que ela estava pronta. A túnica azul turquesa larga ressaltava-lhe a palidez e a fragilidade. Uma vontade imensa de pegá-la no colo e envolvê-la em seus braços o fez dar um passo à frente. Seus olhos nublaram-se ao vê-la recuar.

- Vamos?

- Não. – Mariana respondeu com firmeza, mesmo sentindo seu corpo inteiro tremer.

- Não? – Micael encarou-a, aturdido.

Mariana balançou a cabeça, os olhos repletos de lágrimas prestes a caírem por seu rosto.

- Não. – Disse com voz embargada. – Não enquanto você não me disser o motivo de me evitar como se... como se eu tivesse alguma doença contagiosa.

Micael abriu a boca para responder mais foi interrompido antes de proferir uma única palavra.

- Você me disse uma vez que não se importava com minhas cicatrizes, então... Só posso entender... – Respirou fundo, antes de dizer. - Que me acha tão suja... quanto estou me sentindo depois do que aconteceu.

- Não! – Micael gritou.

Aproximou-se e a abraçou com força.

- Não... – Micael segurou seu rosto entre as mãos. – Não tem nada errado com você... – Puxou-a de encontro a seu peito e apoiou o queixo em sua cabeça. – O problema sou eu. – respirou fundo. – Quando entrei naquele depósito e vi... o quanto você sofreu... Deus! Eu percebi que não fui capaz de protegê-la como deveria... Droga, Mariana! Foi o fato de se envolver comigo que levou aquele louco e se precipitar e quase... – respirou fundo antes de concluir. – Eu devia ter protegido você.

Mariana não respondeu. Ao invés disso, passou a depositar pequenos beijos no peito de Micael. Sentiu-o estremecer.

- Não pode se culpar por coisas que não dependem de você, Micael... - Mariana falou. – Gilberto... bem, ele teria agido independente de estarmos envolvidos ou não. A diferença é que conhecer você... – Levantou o rosto para que ele pudesse vê-la. -... Você me salvou.

- Eu não...

- Shh... - Mari pediu ao mesmo tempo em que colocava um dedo sobre os seus lábios. – Você me salvou quando viu além das cicatrizes que cobrem o meu corpo... - Seus olhos brilharam quando o encarou. – Você me salvou quando amou meu corpo... como algo belo e precioso. – suspirou com a lembrança. – Você me salvou quando me fez acreditar que posso ser feliz... Mas, acima de tudo, você me fez ter esperanças de ter uma família, um lar... – Terminou com voz embargada.

Num instante Micael a abraçava e a beijava demonstrando todo o sentimento que havia em seu coração. Sem o ímpeto desgovernado da paixão, o beijo traduzia sentimentos muito mais firmes e duradouros. Confiança, carinho... amor.

- Mariana... - Mica murmurou. – Vamos embora daqui.

Num minuto estavam no carro e deixavam o hospital. Micael dirigia e a todo o momento afagava a mão de Mariana que repousava em sua coxa. Estacionou próxima a praia, num local relativamente tranquilo àquela hora da manhã. Assim que desligou o carro, destravou o

cinto de segurança dos dois e a trouxe para os seus braços. Uniram-se em um beijo profundo.

- Tive tanto medo de perdê-la. – Micael falou quando seus lábios se separaram. – Se eu estivesse junto de você... talvez tivesse evitado o que aconteceu...

- Não pode querer me proteger o tempo todo. – Mariana disse. - Não pode evitar que as pessoas me magoem ou que me façam mal. Não pode me guardar como a um frágil bibelô.

- Não? – Micael arqueou a sobancelha, uma sombra de humor surgindo em seus olhos. – A idéia de guardá-la só pra mim me parece tentadora.

- Falo sério. – Mariana resmungou.

- Eu também. – Mica disse e deixou um sorriso aflorar em seu rosto. – Mas talvez, tratá-la como um bibelô não seja realmente a melhor alternativa.

- Não, não é.

- Então... talvez... você aceite me pertencer...– Mica falou, pontuando as palavras com beijos em seu rosto e pescoço.- ... de outra maneira.

- Ah! – Mariana gemeu quando Mica mordeu-lhe o lóbulo da orelha. – Outra... maneira?

- Sim. – Mica disse, as mãos em seus ombros, as testas se tocando. – Se você aceitar ser minha esposa... prometo amá-la e protegê-la pelo resto de minha vida.

No silêncio do carro, um soluço escapou da garganta de Mariana.

- Oh, Micael!

- O que isso significa? – Mica perguntou com expressão de falsa inocência. – A idéia de ser minha esposa é tão terrível que a faz chorar?

Mariana negou com a cabeça, incapaz de falar. Como dizer que ser sua esposa era mais do que sonhara... muito mais que merecia? Respirou fundo antes de dizer com voz trêmula.

- Eu te amo.
- Eu também te amo.

Mariana tomou a iniciativa e o beijou, mordiscando de leve os lábios de seu amado, suas mãos viajando por seus cabelos. Quando Micael capturou seus lábios e suas línguas se tocaram, derreteu-se em seus braços. Suas mãos insinuaram-se por sob a camisa e passou a acariciar o tórax masculino, dos mamilos rijos até o abdômen definido.

- Está tentando me seduzir?
- Sente-se seduzido?
- Tanto... – Micael murmurou em seu ouvido. – Que acho melhor irmos para casa... antes que sejamos presos por atentado ao pudor. Imediatamente, Mariana se deu conta que estavam em um local público, onde qualquer pessoa poderia vê-los. Com toda velocidade que foi capaz, sem ferir a perna machucada, voltou para seu assento no carro, olhando enviesado para Micael, que não parava de rir.
- A culpa é sua!
- Minha? – Micael disse zombeteiro, enquanto guiava o carro. – Foi você quem começou...
- Eu não sei o acontece... – Mariana suspirou, parecendo inconformada. – Mas não posso evitar por minhas mãos em você... – Tentou esconder o sorriso ao continuar. – Você é muito... – Parou ao notar o olhar incrédulo de Micael.
- Muito? – Ele questionou para descobrir até onde ela iria. As bochechas rosadas pareciam indicar constrangimento... ou não?
- Muito... – Mariana continuou. – Devagar. Se continuar nesse ritmo... Não chegaremos em casa tão cedo!

Demorou um segundo para Micael perceber que Mariana brincava com ele. A mesma mulher que se escondia das pessoas e da vida... que parecia ter desaprendido o que era sorrir... Seus olhos se encontraram antes que o som de risadas preenchesse o interior do carro. Talvez Mariana tivesse razão, Micael pensou. Sim. Talvez ele realmente a tivesse salvo.

- Então... Quando vocês vão se casar? – Carolina perguntou ao casal.

Estavam todos na residência de Rafael e Serena Angelis, comemorando o noivado de Micael e Mariana. Apesar de estarem morando juntos na casa desde que havia deixado o hospital e de ter dito que não havia necessidade de uma festa de noivado, Micael não lhe dera ouvidos. Quase dois meses se passaram desde o dia que saiu do hospital e várias vezes perguntara-se se não estava vivendo um sonho.

- Assim que Marcos conseguir ficar de pé... – Mariana informou e piscou para Micael. – A cirurgia foi um sucesso... e o cirurgião informou que isso acontecerá em um ou no máximo dois meses.

- Deus! – Serena exclamou. – Isso não nos dará muito tempo para preparar tudo!

- Deus! – Carolina exclamou. – Eu vou estar inchada como um balão!

Os irmãos Angelis se olharam antes de caírem na risada. Rafael, que chegava de braços dados com Madalena, rapidamente se inteirou da novidade.

- Formalidades... – Disse tranqüilo. – Vocês se pertencem desde a primeira vez que se viram.

- Sim. – Mariana confirmou, emocionada. – Eu só demorei a acreditar.

Segurou a mão que Micael lhe estendeu e foi envolvida em um abraço gostoso.

- A notícia do casamento de vocês saiu nos jornais. – Madalena informou, o contentamento estampado em seu rosto. – Vocês viram? Mariana assentiu, em seu rosto um sorriso espontâneo ao lembrar-se de uma das manchetes.

O Belo e a Fera

Um dos solteiros mais cobiçados da sociedade carioca anunciou seu casamento esta semana. Depois de desfilarem com as mais belas mulheres do país, o rico e bonito Micael Angelis, o melhor cirurgião

do Brasil, estará comemorando neste sábado o seu noivado com a herdeira dos cosméticos Âmbares, Mariana Barreto. O noivo é categórico em afirmar que Mariana é dona do seu coração e que a ama como jamais amou alguém.

As solteiras de plantão não disfarçam a decepção ao saberem do casório... Algumas inclusive não escondem a surpresa ao conhecerem a identidade da noiva. Há quase um ano, Mariana escapou da morte em um acidente de trânsito e tem parte de seu rosto e de seu corpo coberto por cicatrizes. Perguntada sobre isso, ela diz que as cicatrizes deixaram de incomodá-la... e explica a razão para não escondê-las. - Eu passei a me ver através dos olhos de Micael.

A festa de noivado acontecerá na mansão da família e contará com familiares e amigos do casal. Depois do noivado de Micael, todos os olhos se voltam para Natanael Angelis, que é agora o único solteiro dentre os trigêmeos Angelis. O outro irmão, Gabriel Angelis e sua esposa Caroline aguardam a chegada da cegonha. Os dois serão os felizes papais de gêmeos!

- Eu vi! – Mari respondeu.

Micael a observou surpreso. Mariana o encarou, informando que não passara despercebida sua tentativa de esconder os jornais, para que não ficasse aborrecida. Apesar de tudo, Mica continuava a tentar protegê-la.

- Achei o título previsível... - Piscou-lhe antes de completar. – Mas adorei ler que sou a dona do seu coração.

Enquanto todos comentavam sobre as notícias sobre o noivado, Nate se aproximou e perguntou-lhe sobre Raquel.

- As últimas notícias que tive são de que ela está bem. – Disse e lembrou-se da difícil conversa que tiveram. Micael informou-a de que não mais financiaria suas loucuras... Deixou com ela o endereço de uma clínica de desintoxicação, onde ela teria atendimento, por sua conta, de profissionais competentes que a ajudariam a mudar de vida. – Parecia-lhe que daquela vez Raquel estava realmente vencendo a batalha.

- Isso é bom. – Nate disse antes de se afastar.

Micael puxou Mariana para a pista de dança e entre os suaves acordes da música romântica murmurou em seu ouvido.

- Você está linda! – Disse apreciando o vestido preto de alças finas que ela usava. Os cabelos loiros, presos no alto da cabeça em um coque deixavam escapar algumas mechas em volta do rosto delicado. – Tão linda que faz meu coração acelerar...

- Isso porque seu coração me pertence... –Mariana entrou no clima de sedução.

- Você é dona de outras partes de meu corpo também... – Disse em referência a notícia do jornal. – Algumas estão loucas para cumprimentá-la.

- Micael! – Murmurou embaraçada. – Estamos numa festa!

- Hum. - Micael sorriu provocador. - Que tal aproveitarmos que Marcos vai dormir aqui na casa de meus pais e escaparmos pra casa?

- Eu... – Mariana se perdeu nos olhos azuis. – Sabe que eu o seguiria a qualquer lugar...

Juntos deixaram a festa, correndo apressados em direção ao carro. A lua brilhava alto no céu, iluminando o feliz casal. Um destino maravilhoso aguarda aqueles que acreditam. Mariana acreditava.

*Assim como viver sem ter amor não é viver,
não há você sem mim...*

Eu não existo sem você.
([Vinícius de Moraes](#))

EPÍLOGO

- Mari? – Micael aproximou-se preocupado, ao vê-la entrar em seu consultório e trancar a porta. – Aconteceu alguma coisa?

- Sim! – Mariana respondeu sorrindo. – Senti saudades...

Respirando aliviado Micael a trouxe para os seus braços, beijando-a demoradamente. Mariana levou as mãos ao seu pescoço, levando seu corpo a colar-se ao dele completamente. A temperatura elevou-se enquanto seus corpos se buscavam ansiosos.

- Minha linda... - Micael pediu quando as mãos pequenas invadiram sua camisa e repousaram em seu peito. – Estamos...

- Em seu consultório... – Mariana o beijou. - ...trancados... – O beijou novamente... – e sozinhos!

- Sozinhos?

- Sim... – Mari falou quando ele a tomou nos braços e a levou até sua mesa. – Eu e Andréa cancelamos suas consultas... - Suspirou quando seu marido retirou sua blusa. - Depois eu dei folga a ela.

- Ah! – Micael exclamou ao expor os seios alvos as suas carícias.

Mariana gemeu ao sentir os dedos de Micael friccionando os mamilos sensíveis para logo tomá-lo com os lábios. Contorceu-se de prazer quando dedos atrevidos levantaram sua saia e tatearam suas coxas, buscando a sua intimidade úmida.

- Eu não vim pra isso... – Mariana disse enquanto retirava a camisa de Micael por cima de sua cabeça. – Eu queria contar... eu...Oh!

As palavras fugiram ao sentir os lábios de Micael tocando-a intimamente. Moravam juntos há quatro meses e estavam casados havia duas semanas... cada vez que se amavam era única...intensa. Mariana perdia-se no redemoinho de sensações. As mãos e a boca de Micael pareciam estar em todos os lugares, atijando-a até que lhe implorasse.

- Por favor...

Micael a fez deitar-se sobre a mesa, e preenchendo-a com sua potente ereção. Amaram-se de forma impetuosa, seus movimentos ritmados levando-os a um clímax explosivo. Micael a pegou no colo e juntos deitaram-se aconchegados no sofá, trocando carinhos. Depois de um longo tempo Micael comentou.

- Mari...

- Hum... – Ela gemeu.

- O que veio me contar?

- Eu vou ganhar mais uma cicatriz... – Ela disse solenemente.

- Você se machucou? – Mica perguntou assustado. – Por que não me...

- Não... - Mariana o beijou de leve. – Eu vou ter um bebê.

- Você vai... o quê? – Micael sentou-se. – Você está...

- Grávida... – Mariana sorriu. – Fiz um exame de sangue... e acho que a nossa travessura na festa de noivado...

Micael acariciou a barriga ainda plana. Deus! Não imaginava que pudesse ser tão feliz!

- Precisamos ir pra casa... - Levantou-se e vestiu as roupas rapidamente, ajudando-a a vestir-se também.

- Mica...o quê?

- Gabe e Carolina vão ter gêmeos... – Piscou malicioso. – Precisamos trabalhar bastante para superá-los!

- Micael Angelis! – Exclamou. – Você é terrível...

- Eu? - Sorriu demonstrando toda sua felicidade, antes de concluir debochado. – Eu sou um anjo!

Mariana não pode deixar de sorrir, diante daquela afirmação. Sim, ele era um anjo... O seu anjo!

FIM

Table of Contents

[Copyright](#)

[Agradecimientos](#)

[PRÓLOGO](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[EPÍLOGO](#)